



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

PEJA II

LÍNGUA PORTUGUESA

BLOCO II

UNIDADE DE PROGRESSÃO II

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Eduardo Paes

Secretaria Municipal de Educação

Claudia Maria Costin

Subsecretaria de Ensino

Regina Helena Diniz Bomeny

Coordenadoria de Educação

Maria de Nazareth Machado Barros

Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Maria Luiza Lixa de Mendonça

Equipe da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Araújo da Silva
Fátima Luzia Valente
Hérica Ferreira dos Santos Marinate
Katia Regina das Chagas Moura
Lavínia Nogueira de Albuquerque
Lucia Silveira Cavalcante de Oliveira
Luzanira Scalercio
Margarete de Oliveira Nascimento
Maria das Mercês Navarro Vasconcellos
Maria Helena Neves Pereira de Souza
Márcia Santos Xavier
Núbia Vergetti

Organizadores do Material de Língua Portuguesa para Professores e Alunos

Ana Cristina Nishio da Silva

Fernanda Lessa A. dos Santos

Constância Kelly

Joselina Silva de Oliveira

Elci Abreu Marques

Juçara Alves G. de Souza

Eliete Cardoso dos S. Bahia

Lilian Gonçalves Lema

Eneida Salles de Souza

Monica Mazza de Mattos

Consultoria:

Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu

Coordenação:

Maria Luiza Lixa de Mendonça

Telefones: 2273-8941/ 2976-2292

e-mail: gejasme@rioeduca.net

Vivemos numa sociedade marcada por atitudes preconceituosas, discriminatórias, geradoras de conflitos entre diferentes grupos. Custa – nos entender por que certas vozes têm sido privilegiadas, enquanto outras, oprimidas e marginalizadas.

A pluralidade é a nossa marca, o que deveria nos unir. A justaposição de pessoas e culturas caracterizam a nossa sociedade. O grande desafio está em saber conviver com esta diversidade .

Vamos ler alguns textos que tratam dessas questões.

Sejam bem-vindos a mais esta Unidade de Progressão, a UP 2 do bloco II.

Texto I: Todo dia era dia de índio

Composição: Jorge Bem



Curumim, chama Cunhatã
Que eu vou contar

Curumim, chama Cunhatã
Que eu vou contar

Todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio

Curumim, Cunhatã
Cunhatã, Curumim

Antes que o homem aqui chegasse
As Terras Brasileiras
Eram habitadas e amadas
Por mais de 3 milhões de índios
Proprietários felizes
Da Terra Brasilis

Pois todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio

Mas agora eles só têm
O dia 19 de Abril

Amantes da natureza
Eles são incapazes

Com certeza
De maltratar uma fêmea
Ou de poluir o rio e o mar
Preservando o equilíbrio ecológico
Da terra, fauna e flora

Pois em sua glória, o índio
É o exemplo puro e perfeito
Próximo da harmonia
Da fraternidade e da alegria

Da alegria de viver!
Da alegria de viver!

E no entanto, hoje
O seu canto triste
É o lamento de uma raça que já foi
muito feliz
Pois antigamente

Todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio

Curumim, Cunhatã
Cunhatã, Curumim

Terêê, oh yeah!
Terêê, oh!

Estudando o texto:

1) Os versos mostram dois momentos da história de vida do índio: o antes e o depois em relação a um fato muito importante da história do Brasil.

a) Que fato histórico é esse?

b) Como viviam os milhões de índios antes da chegada do homem branco? Que parte da música comprova essa resposta?

c) “ Mas agora eles só têm um dia
O dia dezenove de abril”

Os versos mostram que tudo mudou, que o índio não é mais feliz como era antigamente. Qual é o motivo desse canto triste?

2. De acordo com os versos lidos, como é descrita a relação do índio com a natureza? Comprove sua resposta com versos da música.

3. O que o autor está querendo dizer com a expressão: “Todo dia era dia de índio”?

4. Percebemos inicialmente que o poeta se dirige a uma pessoa. Para isso o uso da vírgula é obrigatório. A quem ele se dirige?

5. A música conta a história de vida dos índios. Destaque do texto versos que relatam alguns acontecimentos que você considera importantes.

6. Aparecem no texto características interessantes sobre os índios, como “Eles são incapazes/ Com certeza/De maltratar uma fêmea/ Ou de poluir o rio e o mar...”. Que outra característica você considera importante destacar ?

7. A quem os versos “Proprietários felizes/Da Terra Brasilis” se referem?

8. A quem a palavra “homem” se refere no verso “Antes que o homem aqui chegasse”?

9. Em :” E no entanto, hoje/ O seu canto triste/É o lamento de uma raça /que já foi muito feliz/Pois antigamente/ Todo dia era dia de índio

O poema mostra dois momentos – a alegria de viver e a tristeza atual dos índios. Que expressão nestes versos é responsável por marcar essa oposição?

A música "Todo dia era dia de índio" lembra que os índios que viviam no Brasil eram donos da terra quando ele foi descoberto. Mas lembra também que "agora eles só têm o dia 19 de abril". Essa data, 19 de abril, por sua importância histórica, passou a ser o Dia do Índio, em todo o continente americano. No Brasil, o então presidente Getúlio Vargas assinou o decreto nº 5.540, em 1943, determinando que o Brasil, a exemplo dos outros países da América, comemorasse o Dia do Índio em 19 de abril.

TEXTO II

Curiosidade

Por que 19 de abril é o dia do índio?

Para entendermos a data, devemos voltar para 1940. Neste ano, foi realizado no México, o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano.

Além de contar com a participação de diversas autoridades governamentais dos países da América, vários líderes indígenas deste continente foram convidados para participarem das reuniões e decisões. Porém, os índios não compareceram nos primeiros dias do evento, pois estavam preocupados e temerosos. Este comportamento era compreensível, pois os índios há séculos estavam sendo perseguidos, agredidos e dizimados pelos “homens brancos”.

No entanto, após algumas reuniões e reflexões, diversos líderes indígenas resolveram participar, após entenderem a importância daquele momento histórico. Esta participação ocorreu no dia 19 de abril, que depois foi escolhido, no continente americano, como o Dia do Índio.

<http://raizculturalblog.wordpress.com/2008>

1) O texto II tem caráter informativo, pois apresenta uma informação sobre o porquê comemorar o dia do índio em 19 de abril.

a) O que aconteceu no dia 19 de abril de 1940?

b) Esse evento contou com que participantes?

2) A princípio, nos primeiros dias do evento, os índios não compareceram. Por que isto ocorreu?

3) Em :”... os índios há séculos estavam sendo perseguidos, agredidos e dizimados.

a) Mesmo não sabendo o significado da palavra destacada, o leitor pode entender o seu sentido?

b) Essa palavra expressa uma ideia positiva ou negativa? Por quê?

c) Os três adjetivos – perseguidos, agredidos e dizimados – apresentam uma sequência gradativa. Que efeito de sentido esta sequência produz?

Ao analisarmos o último parágrafo do texto II, percebemos que ele vem iniciado pela expressão “**no entanto**”, que desempenha o papel de um **conectivo coordenativo**, estabelecendo com o parágrafo anterior uma ideia de **oposição**.

Veja outro exemplo:

Vários líderes indígenas deste continente foram convidados para participarem das reuniões e decisões, porém não compareceram nos primeiros dias do evento.

A palavra **porém** é um conectivo coordenativo que liga orações que têm sentidos opostos; é, pois, uma **conjunção adversativa**.

4) Reescreva a frase do exemplo acima, substituindo a conjunção **porém** por outra de sentido idêntico.

5) A **conjunção**, ao ligar orações, normalmente se posiciona entre elas. Em certos casos, no entanto, isso não ocorre. Nas frases a seguir, identifique a conjunção e reescreva as frases, colocando a conjunção entre as duas orações. Se necessário, mude a ordem das orações e troque a conjunção por outra de sentido equivalente.

a) Se nós quiséssemos, poderíamos mudar o mundo.

b) Os índios são os donos da terra; ajude –os, pois.

c) Antes que o homem aqui chegasse, as terras brasileiras eram habitadas e amadas por mais de três milhões de índios.

Desde o início da colonização, os índios foram escravizados pelos portugueses. A partir daí, ficaram sujeitos às leis dos homens brancos e sofreram com prisões, com o desrespeito à sua cultura, com as tentativas violentas de integrá-los ao convívio com a civilização. E até nos dias de hoje, como veremos nos textos a seguir, os índios brasileiros e suas terras, muitas vezes, são alvo de gananciosos que cobiçam essas terras e as riquezas naturais delas, sem se importar com os males e prejuízos causados aos índios e ao meio ambiente.

Vamos ler agora uma carta aberta de duas tribos indígenas em que é exposta toda essa situação de abandono e violência.

Texto III: CARTA DO POVO GUARANI E KAIOWÁ EM REPÚDIO À VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS ÍNDIGENAS EM MATO GROSSO DO SUL

À Presidência da República

Ao Ministério da Justiça

Ao Ministério Público Federal

Há 500 anos os povos indígenas sofrem a expulsão de suas terras, a perda de suas vidas, o esfacelamento dos seus modos de vida. Durante este tempo, perderam suas terras, perderam parte dos seus conhecimentos tradicionais, perderam suas línguas maternas, perderam suas vidas. Foi uma luta grande para garantir na Constituição que agora está em vigor um pouco de direitos para os povos indígenas no Brasil.

Mas se este direito está no papel, onde está ele na prática? Desde 1988 esperamos pela demarcação de nossas terras, como direito constituído. Passaram-se 20 anos e nada acontece.

Para que este direito se efetive, continuamos lutando. (...) Parece que palavra de índio não encontra eco, neste país. Ninguém acredita. Ninguém ouve. E quando um grupo de índios tenta entrar na terra que é sua originalmente, ninguém leva em conta que eles têm direito a reivindicar aquela terra e que têm direito às suas vidas: qualquer um atira para matar, em nome da defesa da propriedade privada.

Quando os brancos chegaram às nossas terras, ninguém considerou que nós tínhamos direito a elas, que queríamos criar nelas os nossos filhos, plantar nelas os nossos alimentos, viver nelas com os nossos deuses. E foram matando os índios que nela estavam, para ocupar as terras, para roubar nosso trabalho. (...)

Em Paranhos, MS, no final de novembro, um grupo de pistoleiros atirou sobre um grupo Guarani que tentava entrar na terra de seus pais. Machucaram muita gente, dispersaram o grupo, crianças se perderam e dois professores índios não voltaram. Desapareceram. Rolindo Vera e Genivaldo Vera, os dois professores desaparecidos, são da aldeia Pirajui. Rolindo e Genivaldo tinham sonhos: tekohá, escola, vida. São pais, filhos, esposos, professores, estudantes. Cada vez mais se tornavam líderes de sua comunidade. Cada vez mais, se envolviam com os projetos de futuro de sua família e sua comunidade.

Cada vez mais se comprometiam com a educação em sua aldeia. Os dois

desapareceram. Não viverão nas terras que queriam viver, não vão mais fazer roça para alimentar seus filhos, não vão mais educar suas crianças, não vão mais dançar guaxiré, não vão fazer novas rezas, não vão ser tamõi. Não verão a lei se cumprir. Por que ela demorou muito, muito mais que a bala que tirou a vida deles.

Guarani como uma flor que brota da terra e desabrocha perfumando a natureza. E às vezes desaparece deixando um aroma no ar. É como as aves que vêm e desaparecem. Mas o nosso sentimento e a lágrima que cai no chão fortalecem o nosso espírito e volta a brilhar em nosso meio.

Mas até quando vamos ver as flores pisadas, as aves mortas e o sangue derramado? Até quando vamos ter que esperar para poder entrar em nosso chão? Até quando continuaremos a ser expulsos, confinados, discriminados, assassinados?

Enquanto esperamos, nosso tekohá vira canavial, nossas casas de reza viram usinas, nossos tape vira asfalto. Chamam isso de desenvolvimento. Como pode se dizer desenvolvida uma nação que não respeita a vida e sua própria lei? Uma nação que não sabe conviver? Esse desrespeito vai contra tudo que é humano, contra tudo que as religiões pregam, contra tudo que a lei estabelece.

Por isso, apelamos para todos os países, para que vejam o que acontece nesse país, onde se tira a vida de jovens e crianças, onde se tira a autonomia e se aniquila um povo, onde se despreza uma cultura.

Por isso apelamos para o Presidente da República, que tantas vezes se manifestou a favor da justiça e dos direitos humanos, para que convoque os poderes, em todos os âmbitos, para que a lei seja cumprida, que não meça esforços para investigar se Rolindo Vera está vivo ou morto, para punir os culpados pela morte de nossos patrícios, e principalmente, para que os grupos de trabalho instituídos pela FUNAI possam começar os estudos para a demarcação das terras indígenas, evitando mais mortes.

DEMARCAÇÃO DAS TERRAS GUARANI E KAIOWÁ JÁ! VIDA PARA OS GUARANI E KAIOWÁ!

COMISSÃO DE DIREITOS INDÍGENAS, ATY GUASU, MOVIMENTO DE PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ, ASSIND, ESTUDANTES DO ÁRA VERÁ, ESTUDANTES DO TEKO ARANDU

<http://www.overmundo.com.br/overblog/carta-do-povo-guarani-e-kaiowa>

guaxiré, (ritual de festa Guarani)

tamõi (avós)

tekohá (terra onde se vive)

Carta aberta é um tipo de texto argumentativo, utilizado por uma pessoa ou um grupo de pessoas para manifestar publicamente sua opinião ou fazer uma reivindicação. Em geral, é veiculada nos órgãos de imprensa.

1) O texto que você acabou de ler é uma carta aberta. Como carta, apresenta algumas características próprias do gênero.

a) Quem é o remetente desta carta? _____

b) Quem é (são) o(s) destinatário(s)?

2) Diferentemente da carta pessoal, que, normalmente, trata de assuntos particulares entre os interlocutores, a carta aberta é um gênero que trata de um problema. Ela pode ser utilizada como forma de protesto contra esse problema, ou como alerta, ou ainda como meio de conscientização da população ou de alguém (um representante de uma entidade ou governo, por exemplo) a respeito do problema exposto.

a) No caso da carta lida, qual é o seu objetivo?

b) Qual é o problema que levou os autores a escreverem a carta aberta?

3) A **carta aberta** é um gênero que tem a finalidade de persuadir seu(s) interlocutor(es). Por isso pertence ao grupo de textos chamados argumentativos. Observe o modo como os autores estruturaram o texto:

a) Identifique os parágrafos em que foram desenvolvidos os argumentos para persuadir o presidente.

b) Identifique o (s) argumento (s) utilizado (s) em cada parágrafo como meio de persuasão.

4) O último parágrafo desempenha o papel de conclusão do texto. Em textos argumentativos, é comum a conclusão retomar as ideias essenciais de todo o texto, e também solicitar a resolução do problema, propondo até mesmo soluções. Em relação à carta lida:

a) O que o remetente solicita?

b) A quem faz a solicitação?

5) Observe a linguagem empregada no texto.

a) Em que pessoa os assinantes do documento se colocam no texto: em 1ª ou em 3ª pessoa? Justifique com elementos do texto.

b) O tempo verbal predominante no texto é o presente do modo indicativo. Como se pode justificar tal emprego?

c) Reconheça o nível de linguagem empregado: padrão culto formal ou coloquial? Justifique sua resposta com palavras ou construções do texto.

d) Considerando quem são os remetentes da carta e quem são os destinatários, você considera o nível de linguagem utilizado adequado? Por quê?

6) Essa carta poderia ter sido enviada direta e discretamente aos seus destinatários . No entanto, ela foi divulgada na Internet, motivo pelo qual se chama **carta aberta**. Que intenções têm os remetentes de torná – la “aberta” a toda a sociedade?

Texto IV:

Identidade e diversidade

As populações indígenas são vistas pela sociedade brasileira ora de forma preconceituosa, ora de forma idealizada. O preconceito parte, muito mais, daqueles que convivem diretamente com os índios: as populações rurais.

Dominadas política, ideológica e economicamente por elites municipais com fortes interesses nas terras dos índios e em seus recursos ambientais, tais como madeira e minérios, muitas vezes as populações rurais necessitam disputar as escassas oportunidades de sobrevivência em sua região com membros de sociedades indígenas que aí vivem. Por isso, utilizam estereótipos, chamando-os de "ladrões", "traíçoeiros", "preguiçosos" e "beberrões", enfim, de tudo que possa desqualificá-los. Procuram justificar, desta forma, todo tipo de ação contra os índios e a invasão de seus territórios.

Já a população urbana, que vive distanciada das áreas indígenas, tende a ter deles uma imagem favorável, embora os veja como algo muito remoto. Os índios são considerados a partir de um conjunto de imagens e crenças amplamente disseminadas pelo senso comum: eles são os donos da terra e seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la. São também vistos como parte do passado e, portanto, como estando em processo de desaparecimento, muito embora, como provam os dados, nas três últimas décadas tenha se constatado o crescimento da população indígena.

Só recentemente os diferentes segmentos da sociedade brasileira estão se conscientizando de que os índios são seus contemporâneos. Eles vivem no mesmo país, participam da elaboração de leis, elegem candidatos e compartilham problemas semelhantes, como as conseqüências da poluição ambiental e das diretrizes e ações do governo nas áreas da política, economia,

saúde, educação e administração pública em geral. Hoje, há um movimento de busca de informações atualizadas e confiáveis sobre os índios, um interesse em saber, afinal, quem são eles.

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados, com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de respostas que uma determinada sociedade humana dá às experiências por ela vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação.

O Brasil possui uma imensa diversidade étnica e lingüística, estando entre as maiores do mundo. São 215 sociedades indígenas, mais cerca de 55 grupos de índios isolados, sobre os quais ainda não há informações objetivas. 180 línguas, pelo menos, são faladas pelos membros destas sociedades, as quais pertencem a mais de 30 famílias lingüísticas diferentes.

No entanto, é importante frisar que as variadas culturas das sociedades indígenas modificam-se constantemente e reelaboram-se com o passar do tempo, como a cultura de qualquer outra sociedade humana. E é preciso considerar que isto aconteceria mesmo que não houvesse ocorrido o contato com as sociedades de origem européia e africana.

No que diz respeito à identidade étnica, as mudanças ocorridas em várias sociedades indígenas, como o fato de falarem português, vestirem roupas iguais às dos outros membros da sociedade nacional com que estão em contato, utilizarem modernas tecnologias (como câmeras de vídeo, máquinas fotográficas e aparelhos de fax), não fazem com que percam sua identidade étnica e deixem de ser indígenas.

A diversidade cultural pode ser enfocada tanto sob o ponto de vista das diferenças existentes entre as sociedades indígenas e as não – indígenas, quanto sob o ponto de vista das diferenças entre as muitas sociedades indígenas que vivem no Brasil. Mas está sempre relacionada ao contato entre realidades socioculturais diferentes e à necessidade de convívio entre elas, especialmente num país pluriétnico, como é o caso do Brasil.

É necessário reconhecer e valorizar a identidade étnica específica de cada uma das sociedades indígenas em particular, compreender suas línguas e suas formas tradicionais de organização social, de ocupação da terra e de uso dos recursos naturais. Isto significa o respeito pelos direitos coletivos especiais de cada uma delas e a busca do convívio pacífico, por meio de um intercâmbio cultural, com as diferentes etnias.

<http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm#IDENTIDADE>

Estudando o texto:

1. O texto apresenta no primeiro parágrafo uma afirmação sobre as populações indígenas.

a) De que maneira a sociedade brasileira vê as populações indígenas?

b) Tomamos conhecimento que as populações rurais são as mais preconceituosas em relação aos indígenas. Esta situação é justificada logo a seguir, no 2º parágrafo. Releia – o e tente explicar com suas palavras qual a razão de tal comportamento.

c) De acordo com o texto, a população urbana tem uma imagem idealizada do índio. Como se justifica essa margem favorável?

2. Segundo o 4º parágrafo, como vivem os índios atualmente?

3. Como “cultura” é definida no texto? Transcreva um fragmento do texto que justifique sua resposta.

4. Segundo o texto, “as culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação”. Como se justifica essa dinamicidade no 7º parágrafo?

5. O texto afirma que há no Brasil uma grande diversidade étnica e linguística entre os povos indígenas. Exemplifique esta afirmativa com passagens do texto.

6. Com a leitura, tomamos conhecimento de que existem 55 grupos de índios isolados e que não há informações objetivas sobre os mesmos. Na sua opinião, por que não se tem essas informações sobre esses grupos indígenas?

Você sabe o que significa Identidade? Leia a definição abaixo para responder à questão nº 7.

Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes.

Na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um papel principal para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano. A influência do meio constantemente modifica um ser já que nosso mundo é repleto de inovações e características temporárias, os chamados "modismos". No passado as identidades eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém, com a globalização, isso mudou fazendo com que as pessoas interagissem mais, entre si e com o mundo ao seu redor. Uma pessoa que nasce em um lugar absorve todas as características deste, entretanto, se ela for submetida a uma cultura diferente por muito tempo, ela adquirirá características do novo local onde está agregada. (pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_cultural)

7. Muitos índios assimilaram o costume dos brancos – celulares, roupas... Podemos afirmar que eles perderam sua identidade étnica? Por quê?

Comunicar não significa apenas enviar uma mensagem e fazer com que nosso ouvinte/leitor a receba e a compreenda. Podemos dizer que nos valemos da linguagem não apenas para transmitir idéias, informações, mas também para fazer com que nosso ouvinte/leitor aceite o que estamos expressando (e não apenas compreenda); que creia ou faça o que está sendo dito ou proposto.

Nesse sentido, a língua é uma estratégia para convencer e persuadir, ou melhor, saber argumentar.

Texto argumentativo é o texto em que defendemos uma ideia, opinião ou ponto de vista, uma tese, procurando, por todos os meios fazer com que nosso ouvinte/leitor aceite-a, creia nela.

Neste tipo de texto, distinguem-se três partes fundamentais:

- uma introdução, em que se apresentam o tema e o ponto de vista defendido pelo autor;
- o desenvolvimento, em que se apresentam os argumentos, os exemplos, as considerações que levam o autor a pensar daquela forma;
- a conclusão, em que se fecha a linha de raciocínio desenvolvida e se apresentam soluções, sugestões, enfim, uma reflexão final.

8. Divida o texto em parágrafos e identifique a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Introdução: parágrafo _____

Desenvolvimento: parágrafos _____

Conclusão: parágrafo: _____

9. Como você sabe, o texto argumentativo defende o ponto de vista do autor sobre determinado assunto. No texto “Identidade e diversidade”, que discute a maneira como a sociedade brasileira vê as populações indígenas, o ponto de vista do autor é expresso no 1º parágrafo.

a) Qual é esse ponto de vista?

b) Indique a frase desse parágrafo que sintetiza o ponto de vista e, ao mesmo tempo, constitui a ideia principal do texto.

10. Depois de deixar claro seu ponto de vista, o autor passa a fundamentá-lo com argumentos. Para isso, cria vários parágrafos de desenvolvimento da ideia principal.

a) Que argumento o autor lança, no 2º parágrafo, para justificar o comportamento das populações rurais?

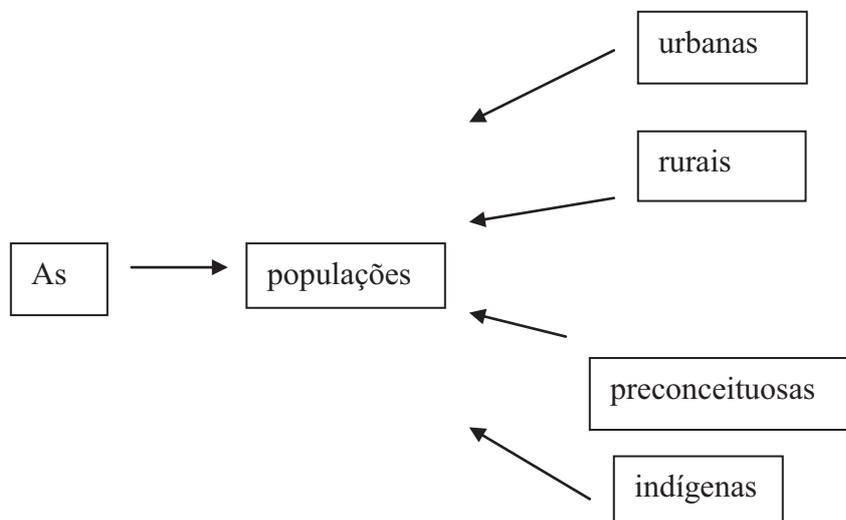
b) De acordo com o 3º parágrafo, como se justifica a visão favorável do indígena pelas populações urbanas?

c) O que se argumenta no 4º parágrafo?

d) Do 5º ao 9º parágrafos justifica –se a necessidade de conscientização da sociedade brasileira de conhecer mais as populações indígenas. Mencione um argumento utilizado que justifique essa posição.

11. O último parágrafo cumpre o papel de concluir o texto. Que solução é apresentada pelo autor em relação ao que foi discutido no texto?

Leia e observe o esquema feito com base no texto “Identidade e diversidade”



Nesse esquema, as palavras **as, rurais, urbanas, preconceituosas e indígenas** restringem a palavra **populações**, dão a **populações** uma significação particular, um sentido restrito. Não se está fazendo referência a quaisquer populações, mas a certas populações. **As, rurais, urbanas, preconceituosas e indígenas determinam**, pois, o sentido de **populações**. Em outros termos: o sentido de populações está subordinado aos **determinantes rurais, urbanas, preconceituosas e indígenas**. A palavra *populações* é o **determinado**. **Determinado** é o que recebe determinação de outro; **determinante** é o que determina outro.

Nesse exemplo, os **determinantes** são o **artigo** (*as*) e os **adjetivos** (*urbanas, rurais, preconceituosas e indígenas*). Todos eles se vinculam, por subordinação de sentido, ao **substantivo** *populações*.

Assim como os artigos e os adjetivos, as **locuções adjetivas** também são determinantes do substantivo.

Veja:



A **locução adjetiva** é a expressão construída por mais de uma palavra e que tem o mesmo valor do adjetivo.

10. Indique os determinantes dos substantivos sublinhados nas seguintes orações:

a) Os diferentes segmentos da sociedade brasileira estão se conscientizando de que os índios são seus contemporâneos.

b) O Brasil possui uma imensa **diversidade** étnica e linguística.

11. Seguindo a orientação do modelo, acrescente determinantes aos substantivos destacados nas seguintes orações, tornando a informação mais completa e precisa.

Modelo: **Discriminação é crime.**

A discriminação **racial** é crime **inafiançável**.

a) **Brasil** possui **diversidade**.

b) **Culturas** modificam-se .

c) **População** tem imagem idealizada dos indígenas.

12. Indique pelo menos três adjetivos que possam ser determinantes dos substantivos seguintes:

População _____

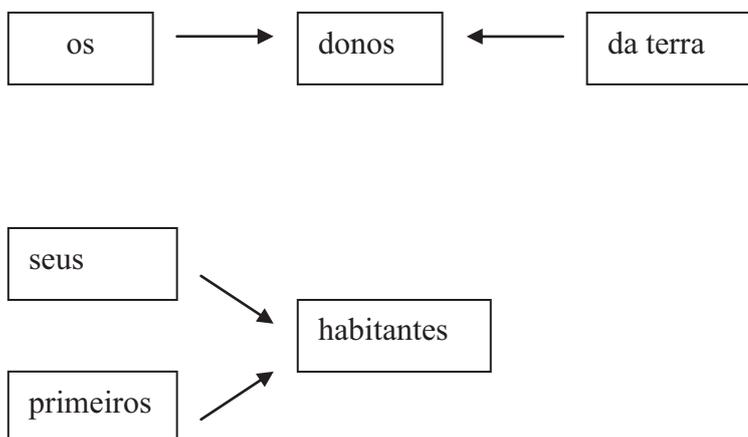
Diversidade _____

Poluição _____

Identidade _____

Considere agora o seguinte fragmento:

“Eles são os donos da terra e seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la.”



A palavra **donos** tem seu sentido delimitado pelos determinantes **os** (artigo) e **da terra** (locução adjetiva); **seus** (pronome) e **primeiros** (numeral) cumprem o papel de determinantes do substantivo **habitantes**.

Sem os determinantes, a oração ficaria reduzida a: *Eles são donos e habitantes...* . São os determinantes que ampliam o sentido da oração, especificando, delimitando, caracterizando ou complementando o sentido dos substantivos.

Numeral

É a palavra que serve para indicar a quantidade exata de seres ou objetos, sua ordenação numa série e as relações proporcionais que estabelecem. Pode referir – se diretamente ao substantivo (equivalendo a um **numeral adjetivo** e assumindo o papel de **determinante** do nome ou pronome), ou até mesmo substituí – lo dentro da construção (correspondendo a um **numeral substantivo** e ocupando a posição de núcleo de um termo oracional).

Exemplos:

- a) Com valor adjetivo: **Cento e oitenta** línguas são faladas.
- b) Com valor substantivo: Eles foram os **primeiros** a chegar.

13. Leia o fragmento e depois responda à questão seguinte:

“Os índios são considerados a partir de um conjunto de imagens e crenças amplamente disseminadas pelo senso comum: eles são os donos da terra e seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la.”

As frases de um texto sempre repetem elementos anteriormente expressos, especialmente sob a forma de pronomes. Indique os elementos anteriores a que se referem os pronomes sublinhados neste trecho do texto.

Num texto, torna – se necessário que alguns termos sejam repetidos, mas isso deve ser feito sob determinadas regras. Daí se empregarem, como no exemplo acima, alguns pronomes.

Pronome

É a palavra que substitui (pronome substantivo/ determinado) ou acompanha o substantivo (pronome adjetivo / determinante), indicando a sua posição em relação as pessoas do discurso: *primeira* (“quem fala”), *segunda* (“ com quem se fala”) e *terceira* (“de quem se fala”) ou mesmo situando – o no tempo e no espaço.

Não compreendemos **suas** línguas, nem não **as** valorizamos.

determinante

determinado

14. Indique se o pronome destacado é substantivo (determinado) ou se é pronome adjetivo (determinante) nas frases abaixo:

a) “... quem são **eles**.”

b) As mudanças ocorridas em **várias** sociedades indígenas não fazem com que percam **sua** identidade étnica.

Texto V:

Índio com diploma não é índio?

Algumas pessoas ainda acham estranho um índio ter bacharelado, mestrado e doutorado, mas muitos deles já são formados em áreas como história, direito, ciências sociais, engenharia, pedagogia e outras. A maioria dos que conseguiram essa formação não tiveram ajuda do governo para tal, e continuam não tendo. Os estudantes indígenas às vezes passam por dificuldade nas cidades, mas por compromisso com suas comunidades insistem em adquirir ferramentas científicas e tecnológicas. Isso os permite discutir de igual para igual com os governos um planejamento de políticas públicas indígenas condizente com a realidade. Mas por que tanta dificuldade para ajudar um pequeno número de indígenas a concluir os estudos? Índio não precisa estudar?

Há 20 anos, o governo militar achava que lugar de índio era só na aldeia e queria mandar os estudantes indígenas de Brasília de volta para casa. Na época, os alunos adotaram uma frase de protesto: "Posso ser o que você é sem deixar de ser o que sou!". Contudo, a visão de que o índio que sai da aldeia abandona a própria cultura ainda persiste como preconceito. Ele não pode ter diploma e continuar sendo índio?

As escolas indígenas têm várias faces hoje. Podem ser mera imposição de modelos educacionais ou podem adotar métodos que não desprezam o pluralismo e a identidade cultural dos povos. Por isso é preciso fazer uma distinção entre educação indígena e a educação escolar indígena.

A educação indígena é o processo com que cada povo transmite conhecimento (em língua nativa) para garantir a sobrevivência e a reprodução cultural. Não é uma educação dentro de quatro paredes como todos estão acostumados, mas uma educação cotidiana. Quando um pai indígena leva o filho para caçar ou coletar material de artesanato, a criança passa por um processo de transmissão cultural de valores, história e crenças. Já a educação escolar indígena deve congrega tanto o conhecimento tradicional dos povos quanto a cultura técnica e científica da sociedade brasileira como um todo. Um choque entre as educações escolar e indígena se deu por conta da existência de concepções de mundo diferentes.

A educação escolar seguia modelos dominantes, num incentivo à acumulação de bens, à competição e ao individualismo, contrária aos processos pedagógicos dos povos indígenas, que enfatizam diferentes formas de organização social. Mas a educação escolar indígena deve servir como um instrumento a serviço da autonomia de cada povo, que deve decidir o que é uma escola verdadeiramente indígena.

É difícil para o Ministério da Educação integrar ações de ensino indígena nos três níveis de aprendizado. Se a educação escolar indígena ainda é capenga, imagine a superior. Existem algumas poucas experiências em universidades com licenciaturas específicas para atender à demanda de

estudantes indígenas por cursos superiores. Mas será que estes cursos podem ajudar a solucionar os problemas enfrentados pelos povos no cotidiano?

Como os índios têm dificuldades para ingressar em universidades públicas, eles estão buscando o ensino particular, e a Funai não dispõe de verba para atender à demanda. Só um sistema integrado de educação escolar indígena, desde a educação básica até a superior, poderá garantir os princípios da especificidade, diferenciação e autonomia, que respeite a diversidade cultural, lingüística e as pedagogias próprias dos povos indígenas.

Jorge Terena. In Revista Galileu. São Paulo, Globo, maio de 2004.

Jorge Terena

Sociólogo formado pela Universidade de Maryland (EUA), é integrante do povo Terena (MS) e consultor etnoambiental da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira)

Estudo do texto:

1. Defender nossa opinião é algo que fazemos em qualquer situação de nosso dia-a-dia. O **artigo de opinião**, como o próprio nome já diz, é um texto em que o autor expõe seu posicionamento a respeito de uma questão muito presente em nossa sociedade.

a) Que questão é essa?

b) Qual é a posição do autor sobre as ideias apresentadas no texto?

2- Como o autor responde à pergunta formulada no título do texto?

3-

Índio não precisa estudar?

O autor comprova o fato de que é de ordem histórica o pensamento de que o índio não precisa estudar. Segundo o texto, que justificativa é utilizada para defender tal pensamento?

4- "Posso ser o que você é sem deixar de ser o que sou!".

Esta frase de protesto foi empregada por estudantes indígenas. Como você pode explicar?

5- No quarto e quinto parágrafos, o autor estabelece diferenças entre a educação indígena e a educação escolar indígena. Quais são essas diferenças.

Complete o quadro abaixo:

<i>Educação indígena</i>	<i>Educação escolar indígena</i>

6- Ao estabelecer essa comparação entre os dois tipos de educação escolar, o que o autor quer enfatizar?

7- O que o autor propõe como solução para o problema exposto no texto?

Texto VI



Quino

COSMO HQ – pesquisa sobre leitores brasileiros de HQ. Disponível no site:

<http://hq.cosmo.com.br/textos/hqcoisa/h0090_pesquisa_perfileitor.shtm> acesso em 15 Jul., 2010.

1) Manolito e Mafalda conversam sobre a igualdade. Há alguma contradição na fala de Manolito? Se houver, identifique-a.

2) Mafalda é um personagem preocupado com os problemas do mundo. Na sociedade em que você vive a igualdade entre os homens de que ela fala no 6º quadrinho é a mesma igualdade de que falam o pai dela e Manolito? Por quê?

3) A tira retrata a preocupação de Mafalda em relação à igualdade dos homens. O que representam o 4º e o 5º quadrinhos?

4) Compare a tira de Quino com os outros textos anteriores. Que relação há entre os assuntos abordados nos textos e a pergunta de Mafalda?

Texto VII

A Missão (Roland Joffé, 1986)

“Os acontecimentos desta história são verdadeiros e ocorreram nas fronteiras da Argentina, Paraguai e Brasil no ano de 1750” é a frase que abre A Missão. E é num tom realista que o filme aborda um fato relacionado com nossa história. O pano de fundo aqui é a colonização da América do Sul pelos espanhóis e portugueses no século XVIII, mostrando as missões jesuítas da Igreja Católica ocorridas nesse período. Temos um pedaço da nossa história retratada. E muito bem retratada.

Numa das cenas iniciais, vemos um grupo de índios jogando num rio um corpo de um padre amarrado numa cruz. Isso já simboliza o tema principal: A civilização dos índios da América do Sul através do cristianismo. Se por um lado, isso foi um meio de um grupo (os missionários jesuítas da Igreja Católica, especificamente falando) tentar defender esse povo da colonização, por outro pode se julgar o mal que isso poderia ter sido na cultura dos índios, que praticamente foram obrigados a abandonar seus ritos e tradições em troca de uma “civilidade”, que era o que o cristianismo significava na época. Civilidade esta, que era imposta pelos colonizadores tanto espanhóis como portugueses, justamente quem devastava as terras indígenas e escravizavam os índios. A Missão relata através da história da Missão de São Carlos comandada pelo Padre Gabriel (Jeremy Irons) todos os meandros da colonização desenfreada da América do Sul. Podemos ver no filme a discriminação que os índios sofriam dos colonizadores que os tratavam como meros “animais selvagens”; a escravidão que foi imposta a uma enorme quantidade deles; a luta pelo

controle de terras indígenas colonizadas; a Igreja que praticamente os abandonou quando viu que estava perdendo o controle (leia-se poder) na região, e simplesmente deixou acontecer os massacres; e, claro, os jesuítas que acabaram se voltando contra os colonizadores e contra a própria Igreja, na busca pela proteção dos índios e de suas terras.

(...)

O filme, na época de lançamento chamou atenção, ganhando até a Palma de Ouro de Cannes. Atualmente, é pouco lembrado. Talvez pelo fato do diretor Rolland Joffé não ter feito nada relevante depois dele, mas precisamos prestar atenção em *A Missão*, principalmente nós, já que conta uma história envolvendo a colonização do nosso continente. Embora o “cinema” cometa deslizes, – como, já citado, não olhar para essa história com um olhar mais isento – mas como “aula de história”, cumpre muito bem a função. Belas imagens, direção de arte caprichada, trilha sonora inesquecível, ótimas interpretações, uma boa narrativa. Se toda aula de história fosse assim, com uma trilha de Ennio Morricone no fundo e interpretação de Robert De Niro, evasão escolar seria algo que não existiria mais.

<http://multiplot.wordpress.com/2008/11/09/a-missao-roland-joffe-1986/>

Resenha – crítica : É um texto que, além de resumir o objeto, faz uma avaliação sobre ele, uma crítica, apontando os aspectos positivos e negativos. Trata –se, portanto, de um texto de informação e de opinião.

O texto que você acabou de ler é uma resenha crítica a respeito do filme “*A missão*”.

1) Uma **resenha crítica** deve conter um resumo do conteúdo da obra (assunto tratado, pontos essenciais abordados), a avaliação (comentários e julgamentos) do autor da resenha e a argumentação que justifica o ponto de vista (contra ou a favor) assumido. Transcreva uma passagem do texto que

a) apresente o assunto do filme de forma bem geral.

b) apresente o diretor, mencionando outros filmes que dirigiu para situar o leitor.

c) fale das personagens e do que lhes aconteceu no filme.

d) avalie a qualidade técnica da obra (trabalho de atores, diretores, fotografia...).

f) apresente comentários e julgamentos sobre os aspectos do filme em questão.

2) A linguagem utilizada numa resenha varia de acordo com o perfil do veículo (jornal, revista, internet), em que será publicada. Na maioria das resenhas, predomina o padrão culto formal da língua.

a) em que veículo foi publicada a resenha?

b) Quem será o provável leitor da resenha?

c) A linguagem empregada segue a norma culta?

d) Está de acordo com o veículo e com o provável leitor do texto?

3) Agora, releia o fragmento abaixo para responder as questões a e b:

“Se por um lado, isso foi um meio de um grupo (os missionários jesuítas da Igreja Católica, especificamente falando) tentar defender esse povo da colonização, por outro pode se julgar o mal que isso poderia ter sido na cultura dos índios, que praticamente foram obrigados a abandonar seus ritos e tradições em troca de uma “civilidade”, que era o que o cristianismo significava na época. Civilidade esta, que era imposta pelos colonizadores tanto espanhóis como portugueses, justamente quem devastava as terras indígenas e escravizavam os índios.”

a) Segundo o texto, o que representou o Cristianismo para os índios?

b) **Civilidade**, de acordo com o dicionário Aurélio, é o respeito pelas normas de convívio entre os membros de uma sociedade. Que antagonismo você percebe nesse fragmento em relação ao emprego da palavra “civilidade”?

7) De acordo com o texto VII, como os índios eram tratados pelos colonizadores?

8) Por que o filme pode ser visto como uma “aula de história”?

9) Em: **“Se toda aula de história fosse assim...”**, a palavra SE inicia uma oração que indica uma condição em relação ao que foi dito depois: **“evasão escolar seria algo que não existiria mais.”**

O que pode ser feito, na sua opinião, para que as aulas de sua escola sejam mais interessantes e prazerosas? Comece a sua resposta com: Se as aulas de minha escola...

10) Abaixo você tem uma **sinopse** do mesmo filme “A Missão” . Leia – a com atenção e procure descobrir em que ela se diferencia de uma resenha crítica.

Texto VIII

Filme: A missão

No final do século 18, os jesuítas se espalham pela América do Sul em suas missões buscando catequizar os índios da região. Ao mesmo tempo em que organizam sociedades indígenas pacíficas, enfrentam mercenários que buscam por escravos e riquezas. Mendoza é um caçador de escravos que, após matar o próprio irmão em um acesso de raiva, procura o perdão e se junta aos religiosos, trabalhando na missão liderada pelo padre Gabriel. Mas os colonizadores não apóiam estas sociedades que os missionários estão criando e ameaçam destruí-las.

Sinopse (ou – resumo): É um texto que se limita a resumir o conteúdo de um livro, de um capítulo, de um filme ou de uma peça teatral, sem qualquer crítica ou julgamento de valor. Trata – se de um texto informativo, pois o objetivo principal é informar o leitor.

Produção Textual:

1) Escolha e aprecie com atenção um filme ou um livro (peça a orientação de seu professor para a escolha de um livro). Depois, escreva uma resenha crítica para um colega de classe, procurando orientá – lo e motivá –lo também a conhecer o objeto de sua análise.

Para bem realizar a sua tarefa,

- anote todos os dados da obra;
- apresente uma parte informativa (dados sobre o autor ou o diretor, título, local e data da publicação ou apresentação), um resumo do conteúdo e uma avaliação pessoal (comentários, julgamentos);

TEXTO: X

CAIPIRA SOMOS TODOS NÓS!



A Festa Junina celebra mais do que o modo de vida do caipira; ela representa a assimilação do estereótipo caboclo pelo cenário urbano. Em outras palavras, tenta extrair do campo aquilo que pensa ser típico: roupas remendadas, danças em pares, batata assada na fogueira, muito “uai”, “sô” e chapéu de “paia”.

Na verdade, nem todas estas características são peculiares ao caipira. Muitas, aliás, chegam a ser preconceituosas. Essa história mal contada começou no século passado, quando a imagem do homem do campo passou a ser associada ao cenário decadente da **zona rural**. Com o desenvolvimento industrial e a modernização das cidades, o caipira se transformou no símbolo do atraso: pobreza, desinformação e analfabetismo aderiram à sua figura como uma maquiagem permanente.

A partir de 1870, porém, o sucesso econômico do café (que muito deve aos “caipiras” italianos), aliado ao forte sentimento nacionalista emergente no país, renovam a figura do caboclo. A literatura começa a lhe dar voz e vez. Escritores como Bernardo Guimarães fazem dele um símbolo nacional, relacionando-o aos valores da terra. O realismo abre espaço para o sotaque caipira, que ganha papel de protagonista nas narrativas.

Ainda assim as caricaturas persistem até hoje. Sentimos dificuldade em perceber que nossos Jecas Tatus são cidadãos comuns como outros quaisquer, dotados de consciência e personalidade.

Se abirmos a porteira da reflexão, talvez nos descubramos como compadres.

Em tempos de globalização, caipira somos todos nós.

Revista Nova Escola- AnoXII – nº 103 – pág. 37

1) O autor do texto reflete conosco sobre a festa junina. Percebe – se logo de início que discorda de um aspecto em relação às características apresentadas pela figura do caipira.

a) De que o autor discorda?

b) Que frase do texto nos faz refletir sobre isso?

2) O homem do campo passou a ter uma imagem decadente.

a) Em que momento de nossa história podemos observar essa marca?

b) Quais são as características dessa imagem dita decadente?

3) Houve um momento na história em que esse homem do campo teve a sua figura renovada.

a) Localize esse momento no texto.

b) Foi a literatura, principalmente, que deu vez e voz a esse homem do campo. De que maneira esta arte destacou positivamente o caipira?

4) “Jecas Tatus” são cidadãos comuns como outros quaisquer...” Explique essa afirmativa.

5) Você sabe o que é “globalização”? Que tal lermos um pouquinho mais sobre este assunto para entendermos a mensagem do texto “Caipira somos todos nós”?!

A **globalização** é um assunto que se encontra em destaque nos meios de comunicação e, principalmente, nos livros de Geografia. No entanto, muitas análises relacionadas ao tema são pouco esclarecedoras, conseqüentemente, gerando certa dificuldade de compreensão acerca do mesmo.

O processo de globalização é um fenômeno do modelo econômico capitalista, o qual consiste na mundialização do espaço geográfico por meio da interligação econômica, política, social e cultural em âmbito planetário. Porém, esse processo ocorre em diferentes escalas e possui conseqüências distintas entre os países, sendo as nações ricas as principais beneficiadas pela globalização, pois, entre outros fatores, elas expandem seu mercado consumidor por intermédio de suas empresas transnacionais.

O desenvolvimento e a expansão dos sistemas de comunicação por satélites, informática, transportes e telefonia proporcionaram o aparato técnico e estrutural para a intensificação das relações socioeconômicas em âmbito mundial. Esse processo é uma conseqüência da Terceira Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Técnico-Científico-Informacional, uma vez que, por meio dos avanços tecnológicos obtidos foi possível promover maior integração econômica e cultural entre regiões e países de diferentes pontos do planeta.

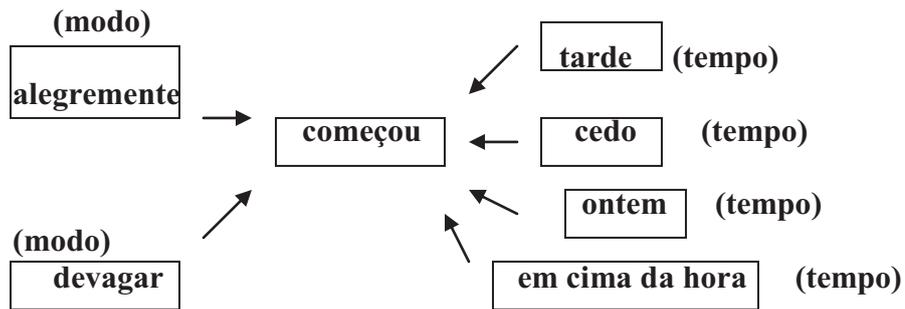
E então, como entendemos a frase “ Em tempos de globalização, caipira somos todos nós”?

6) Considere o enunciado : “*Essa história começou no século passado*”

Tome o fragmento ... **começou no século passado**. Neste fragmento, a expressão **no século passado** é o determinante de **começou** . Tal termo atribui um significado particular ao verbo “começou”, fazendo –o diferente de, por exemplo, começou no ano anterior, começou no Japão.



Os determinantes do verbo que indicam as circunstâncias em que ocorrem o fato expresso pelo verbo são classificados como advérbios e locuções adverbiais. Ao escrever, usamos advérbios e locuções adverbiais, a fim de ampliar as informações sobre o fato expresso pelo verbo, indicando as circunstâncias em que ocorre: sua causa, sua finalidade, o lugar em que ocorre, o modo como ocorre etc.



6.1) Indique os determinantes dos verbos destacados nos seguintes períodos:

a) As caricaturas persistem até hoje.

b) As festas juninas acontecem em todo o Brasil.

c) O caipira trabalha no campo.

6.2) Seguindo a orientação do modelo, acrescente determinantes aos verbos das seguintes orações, indicando circunstâncias para os fatos expressos.

Modelo:

As festas juninas ganham uma grande expressão.

>> As festas juninas, *nos dias atuais*, ganham grande expressão *no Nordeste do Brasil*.

a) As bandeirinhas enfeitam a cidade.

b) A festa terá boa música.

c) A cidade do Rio de Janeiro realizará grande festa junina.

Texto: XI

O novo caipira

Monteiro Lobato deve estar chateado. O grande escritor, com certeza, não imaginou que seu personagem mais famoso, o Jeca-Tatu, pudesse servir ao preconceito contra o campo. Pior: provocar a mistificação rural.

[...]

O personagem de livros infantis transmitia bondade; pouco letrado, porém astuto, sem riquezas, mas cheio de felicidade. Sua ingenuidade peculiar sensibilizou crianças e adultos, permitindo iluminar o ser humano na atividade rural. Nobre caráter. Mais tarde, chegou ao cinema. E o cômico Jeca-Tatu acabou caricaturado na interpretação do famoso Mazzaropi. Foi quando inventaram o chapéu de palha desfiado, a calça de pernas curtas mostrando a botina desbocada. A imagem cinematográfica desvirtuou o sentido simbólico construído por Monteiro Lobato. O caipira virou gozação.

Nessa época, anos 1960, iniciou-se o fortíssimo ciclo da urbanização brasileira, em simbiose com a industrialização, ambas alimentadas pelo tremendo êxodo rural. Em pouco tempo, como nunca se imaginara, o país passou de rural a urbano, arrebatando o mundo caboclo.

[...]

Quando as festas juninas começaram a ser dominadas pelos representantes da cidade, aconteceu a deformação maior: juntaram a caricatura do caipira com o folclore nacional. Os festejos, nascidos no Nordeste com o Bumba-meu-boi do século 18, aqui, no Sudeste, incorporaram elementos depreciativos, carregados de preconceito.

Afinal, o que podem significar a roupa cheia de remendos fingidos, aquelas sardas esquisitas nas faces das meninas e –Deus do céu! – o dentinho pintado de preto nas crianças, justo na frente, para parecer banguela?

Essa imagem deformada da gente da roça induz crianças e jovens, especialmente, a acreditar que os homens do campo são sujos, desdentados, atrasados. [...]

[...]



Ocorre um enorme equívoco quando se supõe que as festas caipiras do tipo Jeca-Tatu façam parte do folclore popular. Nada a ver. Folclore significa conhecimento popular, tradição, patrimônio cultural. Só pode ser folclore aquilo que brota da criatividade, da manifestação espontânea de um povo.

[...]Falta muito, é verdade, para se afirmar que a agricultura rompeu com o atraso. Injustiças ainda permeiam os campos exigindo políticas de inclusão produtiva e social. Há que reduzir as desigualdades.

O futuro, porém, supera o passado. Empresários rurais substituem a velha oligarquia. Agricultores familiares se organizam, investem em tecnologia e começam a sair, eles também, da pobreza secular. [...]

Não vê quem não quer. No interior do Brasil surge um novo caipira. Pode falar puxado no erre, mas não se inferioriza diante de quem sibila o esse. Caipira, sim, mas estudado, bonito, vivendo com qualidade de vida.

Lembre-se disso, principalmente se estiver pensando, na próxima festa junina, em vestir um chapéu desfiado [...]. Esqueça o adereço. Tome seu quentão, dance quadrilha, curta o foguetório, mas reverencie o campo, valorizando-o, em vez de estimular as diferenças.

E se encontrar alguma criança com dentinho pintado de preto, denuncie: preconceito é crime constitucional. (Xico Graziano – O Estado de São Paulo)



1) O título “ O Novo Caipira” antecipa o assunto a ser apresentado de forma argumentativa pelo autor. Qual é o assunto do texto?

2) Leia a introdução do texto:” Monteiro Lobato deve estar chateado. O grande escritor, com certeza, não imaginou que seu personagem mais famoso, o Jeca-Tatu, pudesse servir ao preconceito contra o campo. Pior: provocar a mistificação rural.”.

a) Qual o motivo para a “chateação” de Monteiro Lobato?

b) A palavra mistificação significa “ato ou efeito de mistificar; induzir uma pessoa a acreditar em algo enganoso ou ilusório”.

A partir da definição acima, explique a expressão “mistificação rural” no trecho em destaque.

3) O segundo parágrafo apresenta algumas características do personagem Jeca-Tatu dos livros infantis e do outro interpretado por Mazzaropi no cinema.

a) Apresente essas características.

b) Em qual personagem as características se baseiam nos traços psicológicos? E em qual nos traços físicos?

c) A crítica do autor aponta para qual dos personagens? Por quê?

d) Transcreva uma frase deste parágrafo que evidencie essa posição do autor.

4) Em “Essa imagem deformada da gente da roça...” (5º parágrafo) , a expressão destacada retoma a ideia contida na frase anterior. Transcreva – a.

5) Segundo o texto, supor que as festas caipiras do tipo Jeca Tatu façam parte do folclore popular é um enorme equívoco. Por quê?

6) “Não vê quem não quer. No interior do Brasil surge um novo caipira.”(9º. parágrafo)

Explique o que significa a expressão destacada, segundo o texto.

7) Observe os verbos utilizados nas frases :

- Esqueça o adereço.
- Tome quentão.

a) A quem eles estão se dirigindo?

Os verbos destacados nas frases acima estão no **modo imperativo.**

Imperativo é o modo que expressa ordem, pedido, súplica, recomendação, convite...

O **imperativo** pode ser **afirmativo** ou **negativo.**

b) Transcreva do texto outros exemplos de verbos que estejam no modo imperativo.

c) Produza uma frase de incentivo à leitura de Monteiro Lobato, empregando o verbo LER no modo imperativo.

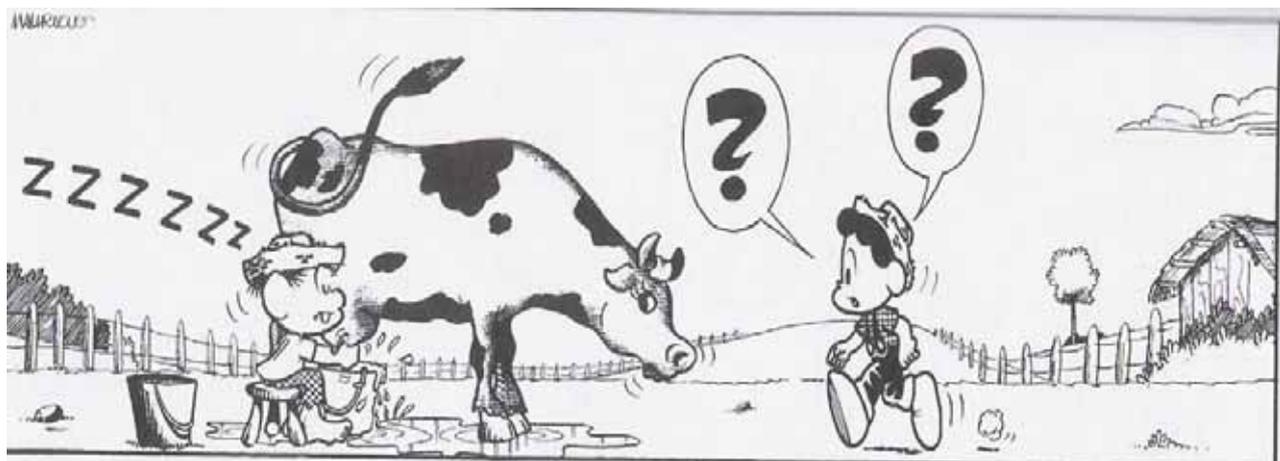
Você já conhece o Chico Bento? Tenho a certeza de que pelo menos já ouviu falar dele. É uma figura encantadora. O personagem foi criado, em 1961, por Maurício de Sousa, que utiliza histórias em quadrinhos e tiras para transmitir suas mensagens. Chico Bento é um garoto de uns cinco anos de idade, que prefere brincar a ir à escola. É um típico caipira brasileiro, andando descalço, com chapéu de palha e vivendo na roça.

Leia agora os textos extraídos de “As melhores tiras de Chico Bento”:

Texto: XII



Texto: XIII



SOUSA, Maurício de. *As melhores tiras de Chico Bento*. São Paulo: Panini, 2008.

- 1) Criou – se o estereótipo do caipira por meio do personagem Jeca Tatu e depois por intermédio de Chico Bento.

a) Que característica de Chico Bento se destaca no texto XII?

b) E no texto XIII?

2) O humor é um recurso muito utilizado nas tiras e histórias em quadrinhos. Alia – se às linguagens verbal e não verbal, compondo o estereótipo do caipira, como podemos perceber nos textos acima. Além disso , essa combinação constitui a força argumentativa dos textos.

a)“Quero ver você com o cabo da enxada na mão!”. Como entendemos essa frase?

b) O humor do texto 3 está justamente no terceiro quadrinho. Como Chico Bento responde ao quadrinho anterior?

Linguagem verbal é uso da escrita ou da fala como meio de comunicação.

Linguagem não verbal é o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como meio de comunicação. A linguagem não-verbal pode ser até percebida nos animais, quando um cachorro balança a cauda quer dizer que está feliz ou coloca a cauda entre as pernas medo, tristeza.

Dentro do contexto temos a simbologia que é uma forma de comunicação não verbal.

Exemplos: sinalização de trânsito, semáforo, logotipos, bandeiras, uso de cores para chamar a atenção ou exprimir uma mensagem.

3) No texto 4, o elemento visual assume todas as funções dentro do texto. Outros elementos ajudam a compor os quadrinhos, como os balões (balão pensamento) e a onomatopeia (efeito de natureza sonora), que está associada a uma situação exposta no texto

a) Como você interpreta o fonema /z/, representado pela repetição ZZZZZZZZ (onomatopeia) nos textos?

b) Como podemos interpretar os balões do texto XIII?

4) Algumas palavras ou expressões empregadas nas histórias em quadrinhos podem exprimir surpresa, alegria, aflição, desespero etc, ; vêm seguidas, geralmente, pelo ponto de exclamação. No estudo da Língua Portuguesa, elas recebem o nome de **interjeição**.

a) Retire do texto 3 exemplos de interjeição e diga o que ela exprime .

b) Veja outros exemplos de interjeições: “AI! UI!” (dor), “PSIU! PSIT” (apelo ou chamamento), “UFA!” (alívio). Que outras palavras dessa mesma natureza você conhece? Dê exemplos.

Texto: XIV

Caboclo é bão de enxada

"Entre as raças de variado matiz, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz da evolução. Feia e sorna nada a põem de pé." Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, um caipira dito atrasado e cheio de vadiagem, resolveu garrar na enxada, cuspir na palma da mão e vir espiar o que anda espalhando a respeito da sua pessoa por aí. O caipira é do jeito que é, assim meio quietão, e tem lá suas razões. O sociólogo José de Souza Martins rebate as palavras de Lobato: "O caipira preguiçoso estereotipado contrasta radicalmente com a profunda valorização do trabalho entre as populações caipiras do Alto Paraíba, nas vizinhanças da mesma região montanhosa em que Lobato

trabalhou". Ou seja, quem enxerga o caipira como quem não tem o que fazer deve estar é ruim das vistas. Nunca vi, que nem o sitiante, sujeito tão ligeiro pra carpir uma roça e cuidar dos bichos, nem tão disposto a ajudar a vizinhança num mutirão pra colheita. Cheio de honra na sua palavra, o Jeca recebe de bom grado a mesma ajuda que, a troco de serviço, retribui no sítio dos parceiros. Porque na roça é tudo assim: trabalho é o que não falta e o que se recebe é pra Deus.

Nada de vadiagem pra quem abriu esse Brasil na enxada e na coragem. O professor Antonio Candido explica melhor: "Da formação histórica de São Paulo resultou uma sociedade cujo tipo humano ideal foi o aventureiro, [...] irmanando-se na vida precária imposta pela mobilidade [...] que deixou no caipira certa mentalidade de acampamento". Na beira dos desbravadores do tempo das Bandeiras, o lavrador desbandeirizado foi ficando pelas veredas, capengando no ócio. Marginalizados, se tornariam agregados dos afazendados na cana, fincando pé como sitiante nas roças de toco, cuidando só do de comer e lavrando assim a raiz da cultura caipira.

BRASIL – Almanaque de Cultura Popular – TAM. Ano 10, no 110, Junho – 2008. p. 20.

1) De acordo com o texto , é possível inferir que - "Entre as raças de variado matiz, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz da evolução. Feia e sorna, nada a põe de pé." – é esta uma citação de Monteiro Lobato.

a) O autor do texto argumenta a favor deste estereótipo do caipira?

b) Qual é a opinião do autor do texto sobre a visão de Monteiro Lobato?

c) Percebe-se na caracterização do caipira feita por Monteiro Lobato uma certa animalização da personagem. Você concorda com esta afirmativa? Por quê?

2) ARGUMENTO DE AUTORIDADE é um argumento baseado na opinião de um especialista no assunto, ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por

alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese.

Quando alguém precisa desenvolver um texto expositivo e/ou argumentativo, pode – se empregar o **argumento de autoridade** como um recurso argumentativo.

a) Com base na explicação acima, retire do texto um argumento de autoridade.

b) “Quem enxerga o caipira como quem não tem o que fazer deve estar é ruim das vistas.” Em que o sociólogo se baseou para justificar seu ponto de vista em relação ao homem do campo?

3) Ao lermos as tiras de Maurício de Sousa, percebemos que existem semelhanças entre o que se disse inicialmente sobre os personagens Jeca Tatu e Chico Bento? Quais?

4) No texto “Caboclo é bão de enxada”, aparecem palavras que marcam a oralidade.

a) Transcreva –as.

b) Percebe – se que a linguagem do discurso de Monteiro Lobato citado no primeiro parágrafo se contrasta com a linguagem adotada pelo autor do texto em estudo. Como é a linguagem do criador de Jeca Tatu?

c) Qual deve ter sido a intenção do autor de “Caboclo é bão de enxada” ao empregar uma linguagem mais informal?

5) O que significa a expressão “capengando no ócio” ?

Agora observe a pintura abaixo, depois leia os textos seguintes:

Texto XV



Título: *Caipira picando fumo*; Artista: Almeida Júnior; Ano: 1893; Técnica: óleo sobre tela; Locação: Pinacoteca do Estado; de São Paulo/ São Paulo, Brasil.

Texto: XVI

Sobre a tela “Caipira picando fumo”

Almeida Júnior valorizou o tema regional. Nascido em Itu, o autor nunca perdeu o vínculo com suas origens. Retratou o trabalhador rural, o caipira, evidenciando as características marcantes dessa personagem. Na tela, o caipira está sentado nos degraus da escada; parece estar à vontade sob o sol forte e entrega-se à atividade de picar fumo, absorto em seus pensamentos. A luz é forte, e os tons aproximam-se. Homem e natureza têm cores e traços em comum. O chão do terreiro encontra-se com a parede de pau-a-pique. Os degraus são toscos e carcomidos pelo tempo. As estacas são precárias; o madeirame, desgastado. A roupa do caipira é simples, já gasta. A camisa aberta ao peito expõe o caipira ao sol; calça arregaçada, pés descalços. A pele queimada pelo sol revela a aspereza da vida rural. Cabelos escuros e despenteados, barba por fazer, palha do cigarro na orelha. O caipira que pica fumo parece enlevado em sua atividade habitual.

Texto: XVI

Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

— Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

— Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

— Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

— É que ele mata.

— E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

— Quá! Não paga a pena...

— Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. Jeca Tatu. In: Obras completas de Monteiro Lobato. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense)

1) O texto XV é uma descrição da tela “Caipira picando Fumo”, que é uma representação não verbal do estereótipo do caipira. Você concorda com tal afirmação? Justifique sua resposta.

2) Mencione um ponto de contato entre os textos XV e XVI, no que diz respeito ao ambiente descrito.

3) Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de Jeca Tatu nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pelo personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir,

a) Levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural.

b) Indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

4) A figura do italiano funciona como uma contraposição à figura de Jeca Tatu, que vive tomado pela miséria e pela apatia. Que expressão do texto comprova tal contraposição?

5) Jeca Tatu vivia daquilo que extraía da natureza. Comprove esta afirmativa com passagens do texto.

6) Em "...grandíssimo preguiçoso!" , a palavra destacada é um adjetivo, aceitável somente na linguagem coloquial e tem uso pejorativo. Com que finalidade o autor empregou a palavra grandíssimo no texto?

7) Considere o seguinte fragmento:

“Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo? Quando lhe perguntavam isso, ele dizia...”

a) O pronome ISSO no fragmento destacado do texto funciona como elemento de COESÃO TEXTUAL . Ele faz referência a uma expressão do texto, mencionada anteriormente. A que expressão estamos nos referindo? Transcreva – a.

b) Em “Por que Jeca não fazia o mesmo”, reescreva a frase de modo a deixar claro o que significa a expressão destacada.

c) Em “*Quando lhe perguntavam isso, ele dizia...*”, os pronomes lhe e ele substituem que palavras no fragmento citado?

Saiba mais sobre coesão textual:

COESÃO TEXTUAL

É um mecanismo textual que tem por objetivo dar consistência ao texto, interligando suas partes para que tenha uma unidade de sentido, evitando a repetição de palavras.

A **coesão textual** é obtida através de relações de sentido entre as palavras, ou seja, do emprego de sinônimos e a partir do emprego de pronomes, adjetivos, advérbios, conjunções, numerais e preposições.

Veja agora alguns exemplos de coesão textual :

- *Jeca perdeu as forças e caiu. (adição)*
- *Jeca perdeu as forças, mas permaneceu firme. (adversidade)*
- *Jeca perdeu as forças, porque não se alimentou. (causa)*
- *Jeca perdeu as forças, quando soube a verdade. (tempo)*

Observe que todas as relações de sentido estabelecidas entre as duas orações de cada período são feitas por meio dos conectores: *e, mas, porque, quando*.

8. O uso dos elementos de ligação (elementos de coesão) inadequados nas sentenças abaixo provoca um efeito de incoerência. Reescreva-os, fazendo as alterações necessárias para garantir o estabelecimento das relações corretas de sentido.

a) Urupês é muito interessante porque tem 570 páginas.

b) Ela mora no Rio há cinco anos, portanto não conhece ainda o Corcovado.

c) Acordei às 7 horas, uma vez que tinha ido deitar às 2 horas, dormi pouco mais de cinco horas.

d) O livro que a professora de literatura mandou comprar já está esgotado, já que foi publicado há menos de três semanas.

Conhecemos logo a seguir a personagem Zé Brasil, “reencarnação” politizada do Jeca Tatu. Através desta personagem, Lobato atribui a precária situação do camponês brasileiro à estrutura econômica brasileira e não mais à preguiça ou falta de saúde.

Texto: XVII

Zé Brasil

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma – só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cuias... Nem cama tinha. Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tábua. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d’água, o caco de sela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas – para ver as luas e se vai chover ou não, e aquele livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu.

- Coitado deste Jeca! dizia Zé Brasil, olhando para aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que ele tinha, eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Joli?...

A vida de Zé Brasil era a mais simples. Levantar de madrugada, tomar um cafezinho ralo (“escolha” com rapadura), com farinha de milho (quando tinha) e ir para a roça pegar no cabo da enxada. O almoço ele o comia lá mesmo, levado pela mulher; arroz com feijão e farinha de mandioca, às vezes um torresmo ou um pedacinho de carne seca para enfeitar. Depois cabo da enxada outra vez, até à hora do café do meio-dia. E novamente a enxada, quando não a foice ou o machado. A luta com a terra sempre foi brava. O mato não para nunca de crescer, e é preciso ir derrubando as capoeiras e capoeirões porque não há o que se estrague tão depressa como as terras de plantação.

Na frente da casa, o terreirinho, o mastro de Santo Antônio. Nos fundos, o chiqueirinho com um capadete engordado, a árvore onde dormem as galinhas, e a “horta” – umas latas velhas num girauzinho, com um pé de cebola, outro de arruda e mais remédios – hortelã, cidreira, etc. no girau, por causa da formiga.

-Ah, estas formigas me matam! Dizia o Zé com cara de desânimo. Comem tudo que a gente planta.

(...)

A gente da cidade – como são cegas as gentes das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem – opilação, sezões, quanta verminose há, malária. E cadê doutor? Cadê remédio? Cadê jeito? O jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo, até não aguentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira – e feliz se houver por ali alguma rede em que o corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó.

--Mas você morre, Zé, e sua alma vai para o céu, disse um dia o padre – e Zé duvidou.

--Está aí uma coisa que só vendo! Minha ideia é que nem deixam minha alma entrar no céu. Tocam ela de lá, como aqui na vida o coronel Tatuíra já me tocou das terras dele.

--Por que, Zé?

--Eu era “agregado” na fazenda do Taquaral. O coronel me deu lá uma grota, fiz minha casinha, derrubei mato, plantei milho e feijão.

--De meias?

--Sim. Metade para o coronel, metade para mim.

--Mas isso dá, Zé?

--Dá para a gente ir morrendo de fome pelo caminho da vida – a gente que trabalha e planta. Para o dono da terra é o melhor negócio do mundo. Ele não faz nada, de nada, de nada. Não fornece nem uma foice, nem um vidrinho de quina para a sezão – mas leva metade da colheita, e metade bem medida – uma metade gorda; a metade que fica com a gente é magra, minguada... E a gente tem de viver com aquilo um ano inteiro, até que chegue tempo de outra colheita.

--Mas como foi o negócio da fazenda do Taquaral?

--Eu era “agregado” lá e ia labutando na grota. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para ele e naquela casinha que eu havia feito, botou o Totó Urumbeva.

--Mas não há uma lei que...

Zé Brasil deu uma risada. “Lei... Isso é coisa para os ricos. Para os pobres, a lei é a cadeia e se rezingar um pouquinho é o chanfalho”.

--E se você fosse dono das terras, aí dum sítio de dez ou vinte alqueires?

--Ah, aí tudo mudava. Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvores de fruta, e uma horta, e até um jardimzinho como o do Giusepe. Mas como fazer casa boa, e plantar árvores, e ter horta em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Vi isso com o coronel Tatuíra. Só porque naquele ano as minhas roças estavam uma beleza, ele não resistiu à ambição e me tocou. E que de terras esse homem tem! A fazenda do Taquaral foi medida. Os engenheiros acharam mais de dois mil alqueires – e ele ainda é dono de mais duas fazendas bem grandes, lá no Oeste. E não vende nem um palmo de terra. Herdou do pai, que já havia herdado do avô. E o gosto do coronel é dizer que vai deixar para o Tatuirinha uma fazenda maior ainda – e anda em negócios com o Mané Labrego para a compra daquele sítio da Grota Funda.

--Então não vende nem dá as terras – só arrenda?

--Isso. Também não planta nada. O que ele quer lá é reideiro como eu fui, e são hoje mais de cem as famílias que vivem no Taquaral. Desse jeito, o lucro do coronel é certo. Se vem chuva de pedra, se vem geada ou ventania, ele nunca perde nada; quem perde são os reideiros.

--Mas, Zé, se essas terras do Taquaral fossem divididas por essas cento e tantas famílias que já vivem lá, não acha que ficava muito melhor?

--Melhor para quem? Para o coronel?

--Não. Para o mundo em geral, para todos.

--Pois está claro que sim. Em vez de haver só um rico, que é o coronel Tatuíra, haveria mais de cem arranjados, todos vivendo na maior abundância, donos de tudo quanto produzissem, não só da metade e o melhor de tudo seria a segurança, a certeza de que ninguém dali não saía por vontade dos outros, tocado como um cachorro, como eu fui. Ah, que grande felicidade! Mas quem pensa nisso no mundo? Quem se incomoda com o pobre Zé Brasil? Ele que morra de doenças, ele que seja roubado, e metido na cadeia se abre a boca para se queixar. O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre. Ninguém no mundo pensa nele, olha para ele, cuida de melhorar a sorte dele... (...)

Estudando o texto:

1) As histórias se repetem, não é mesmo?! O Jeca Tatu e o Zé Brasil como são semelhantes!

O primeiro parágrafo do texto XVII faz um retrato fiel do Zé Brasil na voz de um narrador em 3ª pessoa. Logo a seguir aparece a voz do Zé Brasil opinando sobre a situação do “coitado” do Jeca , com o qual se identifica.

a) Transcreva a passagem do texto que confirma esta afirmação.

b) De que maneira Zé Brasil toma conhecimento da existência de Jeca Tatu?

2) O texto é constituído por um diálogo entre Zé Brasil e um interlocutor anônimo. Você considera verdadeira esta afirmação? Por quê?

3) Como Jeca Tatu, Zé Brasil também está entregue ao desamparo e ao desânimo. Podemos afirmar que este texto é uma denúncia contra as condições sociais

responsáveis pela miséria e pela falta de ânimo dos trabalhadores rurais. Num primeiro momento, há uma crítica aos grandes proprietários rurais.

a) Que personagem representa esses proprietários rurais no texto?

b) Zé trabalhou em regime de meeiro. Como o caboclo define este “contrato de trabalho”?

c) “Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas.” E daí Zé Brasil percebeu que a lei é só para os ricos. Qual foi a consequência desse fato na vida do personagem?

4) Na medida em que o diálogo se desenvolve, percebemos que Zé Brasil mais se conscientiza de sua condição marginal na sociedade. Qual seria, de acordo com o texto, a solução para este problema?

5) Em que passagem do texto fica evidente que a posse das terras se concentra nas mãos de poucos e representa um ciclo que passa de geração a geração?

6) Após a leitura dos textos XVI e XVII constatamos que, embora parecidos, os personagens de Monteiro Lobato se diferem em um aspecto, o qual pode ser considerado importante para mudança da realidade. Apresente essa diferença entre ambos?

7) Há dois processos fundamentais de diminuição do ser humano: o primeiro é sua animalização, ou seja, é compará-lo a animais, e o segundo é sua coisificação, ou seja, a sua comparação a coisas. Retire do texto uma passagem que exemplifique um dos processos descritos.

8) Releia este fragmento do texto:

“Eu era “agregado” lá e ia labutando na grotá. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras...”

a) O advérbio lá e as locuções adverbiais na grotá e de suas terras exprimem as mesmas circunstâncias? Justifique.

b) Quais locuções adverbiais expressam circunstância de tempo?

c) Os advérbios e locuções adverbiais funcionam com determinantes de verbos, adjetivos ou até mesmo de outros advérbios. Em “... correu tudo bem” verificamos que a palavra destacada modifica o sentido do verbo correu, acrescentando a ele a circunstância de modo. Assim, dizemos que bem é determinante de correu, que é o termo determinado.

A partir das expressões destacadas no fragmento acima, identifique o termo determinado de cada uma.

lá - _____
na grotá- _____
por lá - _____
de suas terras- _____

Texto: XVIII

Lobato ataca o caboclo

Monteiro Lobato (1882-1948) será sempre lembrado como o autor das histórias infantis do Sítio do Picapau Amarelo. Sua atividade como polemista, todavia, foi marcante nas primeiras décadas do século. *Velha Praga*, artigo publicado em 1914, contra o costume das queimadas no interior paulista, revelou-o no cenário nacional. Tendo herdado uma fazenda do avô, em 1911, Lobato ficou chocado com o comodismo dos caboclos que viviam em suas terras. Reagindo, talvez, ao impacto de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (publicado em 1902), Lobato reage contra as idealizações do sertanejo nesse texto de 1914. Logo em seguida, em 1918, ele corrigiria sua visão sobre a indolência do caipira. Não se tratava de deficiência moral, mas de doença física, de verminose principalmente. É típico do pensamento conservador atribuir a pobreza à falta de vontade psíquica, em vez de procurar causas materiais para o problema. O estereótipo do jeca, criado por Lobato em sua fase conservadora, teria de todo modo grande êxito. (COELHO, Marcelo, *Revista Língua Portuguesa*, nº 7, p. 34, 2008)

1–Lemos acima um breve histórico sobre a postura preconceituosa adotada por Monteiro Lobato em relação ao caboclo, ao homem do campo. O que o fez agir dessa maneira?

2 - O ataque de Lobato ao caboclo marcou este homem como indolente e preguiçoso. Mas, alguns anos depois, o autor do texto considera que o criador de Jeca Tatu tenha

repensado sua postura. Segundo o texto, a que se deve essa mudança de visão sobre a indolência do caipira?

3- “[...] Lobato reage contra as idealizações do sertanejo [...]”.

De que maneira Euclides da Cunha apresenta o homem do sertão?

4. Que frase do texto justifica a postura conservadora de Monteiro Lobato em relação à indolência do caipira?

5. Em” Sua atividade como polemista, todavia, foi marcante nas primeiras décadas do século”, a expressão destacada indica circunstância de tempo. Retire do texto outros exemplos de palavras ou expressões que marcam claramente o tempo

Pobre Jeca Tatu!!! Que tamanha injustiça!!!

Vimos que Monteiro Lobato com base nas suas observações de fazendeiro, transportou para a literatura as suas insatisfações e desgostos com relação ao homem do campo. Assim, o autor cria o personagem Jeca Tatu, escrevendo a obra intitulada Urupês. Mais tarde, convivendo com outra realidade, percebe o erro que havia cometido.

Vamos ler agora um texto sobre o outro viés que tomou esta história.

Texto: XIX

TEM LOBATO NAS FARMÁCIAS: pegue o seu Almanaque Fontoura (Dia 18 de abril – Dia Nacional do Livro Infantil) [Abril/2008]

Sueli Bortolin

As crianças da minha geração, até por falta de opção, adoravam passar na farmácia mais próxima de casa para pegar um exemplar dos Almanques de Farmácia. E com ele a gente ficava com muita vontade de tomar Biotônico Fontoura – que era composto de sulfato ferroso, ácido fosfórico e outras “coisitas”. Já não tínhamos esse prazer quando um adulto malvado, mal humorado, mal amado, malfadado, inventava que precisávamos tomar Emulsão Scott – um líquido mal cheiroso, preparado com óleo de fígado de bacalhau, que nos tornaria, no futuro, fortes e saudáveis.

Credo: vamos mudar de assunto. Para você que não sabe do que eu estou falando, explico: Almanaque era um livreto publicado em formato mais ou menos 13x18, onde o texto e as ilustrações eram impressas em papel popular que era distribuído (me parece que mensalmente) nas farmácias brasileiras. Ele continha piadas, calendário, fases da lua, propagandas, dicas de saúde, receitas culinárias etc...

Lembro-me das capas que sempre tinha uma ilustração colorida com um espaço reservado onde o dono da farmácia colocava o nome e o endereço do seu estabelecimento comercial.

Falando nisso em sala de aula, no curso de Biblioteconomia um aluno me presenteou com um almanaque especializado. Digo que é um almanaque especializado, pois não sei classificá-lo de outra forma. Seu título é – “Almanak de Nossa Senhora Aparecida”, foi publicado em 1927, traz calendários, dias santos, histórias, charadas, orientações aos fiéis no preparo para o “baptizados”, “extrema unção” e dicas de comportamento (bem coerentes com a publicação e o contexto da década de 20).

Fiz um rodeio danado, pois precisava contar dessa publicação que ganhei e achei muito curiosa. Mas o que eu quero mesmo contar é que graças ao espírito de historiadora/memorista/documentalista da minha mãe, tenho aqui em casa, um exemplar do *Almanaque Fontoura: Jeca Tatuzinho* de Monteiro Lobato que foi publicado em 1973. Com a capa amarelo ouro (que realmente é uma preciosidade!).

É nessa obra que Monteiro Lobato tem a oportunidade de se retratar, pois havia criticado o homem da terra, trabalhador das lavouras no Estado de São Paulo, taxando-o de preguiçoso. Segundo Marisa Lajolo ele: “reescrive seu julgamento do caipira paulista dizendo: o Jeca não é vadio: é doente.” E o veículo que ele usa para fazer essa “correção” é o almanaque de farmácia que chegava facilmente nas menores cidades brasileiras. Podemos dizer que era uma fonte primordial de informação e de leitura para a maioria dos cidadãos. Não é a toa que na capa, pelo menos desse meu

exemplar, vinha escrito em letras maiúsculas – “A OBRA DE MAIOR DIVULGAÇÃO EM TODO O BRASIL.” - 35ª edição - 84 milhões de exemplares.

Sobre Sueli Bortolin

Mestre e Doutoranda em Ciência da Informação pela UNESP/ Marília. Professora do Departamento de Ciências da Informação do CECA/UEL - Ex-Presidente e atual Secretária da ONG Mundoquelê.

Texto: XX

Pedido de desculpas

Prefácio 4ª edição de Urupês

“Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie (...) és tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra. Os outros, que falam francês, dançam tango, fumam havanas e, senhores de tudo, te mantêm neste geena infernal para que possas a seu salvo viver vida folgada à custa de teu dolorido trabalho, esses, meu caro Jeca Tatu, esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo”. (Monteiro Lobato)

Texto: XXI



1) Vimos a partir de diferentes textos que Monteiro Lobato criou através da figura de Jeca Tatu o estereótipo do caipira – homem que não se adapta à civilização, indolente, preguiçoso demais para promover melhorias no seu modo de vida. Entretanto, algumas décadas depois, este autor pede literalmente desculpas ao homem do campo sobre o grande equívoco que causara.

a) O que constatou Monteiro Lobato que o fez mudar de opinião sobre o Jeca Tatu?

b) Transcreva do texto XXI uma frase que justifique a sua resposta anterior.

2) Qual a importância do Almanaque Fontoura na história do Jeca Tatu?

3) No “ Pedido de desculpas”, Monteiro Lobato se dirige ao Jeca Tatu e diz que ele é “ a melhor coisa desta terra”. Logo a seguir ataca violentamente outras figuras poderosas da sociedade. Quem são elas?

4) Observe o significado da palavra geena :

s.f. Inferno, na linguagem bíblica: o fogo da geena.

Lugar de suplício eterno. (Lugar perto de Jerusalém onde existia um templo em que se faziam cruéis sacrifícios humanos)

A partir do verbete acima, como você interpreta a expressão “geena infernal” no texto?

5) Leia a frase: “... esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo.”

a) O que significa ter na alma verminoses?

b) O pronome esses se refere a que palavra no texto?

6) O texto XXI foi retirado do Almanaque Fontoura e é uma espécie de propaganda de um remédio contra o amarelão. No Brasil, proliferaram almanaques de laboratórios, saídos das gráficas que imprimiam os rótulos dos medicamentos. Não eram apenas veículos de propagandas, mas também buscavam formar públicos leitores.

a) De que maneira o texto XIX define almanaque?

b) Para a autora do texto XIX, qual é a importância dos almanaques nos dias de hoje?

7) A identidade indolente e preguiçosa do Jeca permanece cristalizada em nossos discursos até hoje, o que não significa uma concepção verdadeira da realidade. Você concorda com esta afirmativa? Por quê?

8) Um texto não é uma sucessão de palavras ou frases isoladas. Palavras relacionam-se com palavras, frases com frases, parágrafos com parágrafos.

Certos instrumentos gramaticais, como os conectivos, têm a função específica de estabelecer relações de sentido entre segmentos textuais, por isso são fundamentais para conferir coesão ao texto. Um texto será coeso quando houver perfeita articulação entre os elementos que o compõem.

Não há coesão em um texto quando, por exemplo, empregam-se de modo inadequado conjunções e preposições, deixando palavras ou frases desconectadas, quando a escolha vocabular é inadequada, quando há ambiguidades, etc. Veja a frase:

Jeca encontrou uma enxada na roça que estava mal conservada.

A ausência de coesão é decorrente do mau emprego do pronome **que**: na posição em que está, pode referir – se a dois antecedentes distintos, o que torna a frase ambígua. Quem estava mal conservada? A enxada ou a roça? Para tornar a frase coesa, bastaria colocar a oração junto ao termo a que se quer fazer referência. Assim:

Jeca encontrou na roça **uma enxada que** estava mal conservada.

Ou: Jeca encontrou, **na roça que** estava mal conservada, uma enxada.

8.1. As frases abaixo apresentam problemas de coesão textual. Identifique o problema e depois reescreva –as, tornando –as coesas:

a) A casa que ficava em uma região em que fazia bastante frio durante o inverno.

b) O homem viu o incêndio da roça.

8.2. Agora, considere as palavras sublinhas nestas duas frases:

➤ Li alguns textos sobre Jeca Tatu.

A palavra sobre estabelece entre as palavras texto e Jeca Tatu uma relação que exprime uma ideia de assunto.

➤ Todos gostam de você.

A palavra de estabelece apenas uma relação de dependência entre as duas palavras, isto é, a partir do vínculo criado pela palavra de, a palavra você completa o sentido do verbo gostam.

Nos dois exemplos, as palavras sobre e de são preposições.

Preposição – palavra invariável que relaciona duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e de dependência.

As preposições mais comuns são: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

TEM LOBATO NAS FARMÁCIAS: pegue o seu Almanaque Fontoura (Dia 18 de abril – Dia Nacional do Livro Infantil),

Assim:

nas farmácias – é a junção de duas palavras: em + as = nas

do livro - é a junção de duas palavras: de + o = do

a) Empregue as preposições adequadas para que as frases se tornem coesas:

- Ele morria _____ fome e doenças _____ CEada dia.
- Jeca sofria _____ amarelão; tinha _____ sangue e _____ tripas um jardim zoológico _____ pior espécie.

b) Identifique na frase abaixo as preposições, a seguir indique o sentido da relação que estabelecem :

Zé Brasil sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma.

Produção textual:

Texto: XXIII

Seu dotô me conhece ?

Patativa do Assaré

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece,
Nunca sôbe que sou eu,
Nunca viu minha paioça,
Minha muié, minha roça
E os fio que Deus me deu.
Se não sabe, escute agora,
Que vou contá minha história,
Tenha bondade de uvi:
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
Das riqueza do Brasi.

1 - Na sua fala simples, o homem do campo usa muitas expressões do seu meio, isto é, de onde ele vive , para nos dizer a sua realidade, como por exemplo:

Paioca (palhoça) no sentido de casa, moradia.

O que representa para ele as palavras sublinhadas abaixo?

a) Minha **roça**

b) Eu sou da **crasse matuta**

2- A quem o homem do campo está dirigindo sua mensagem?

3 – Na sua **opinião**, por que ele usa o tratamento " dotô " para o homem da cidade ?

4 - Observe os versos:

"Seu dotô, só me parece / Que o sinhô não me conhece."

O que significam esses versos?

5 - Na poesia, o homem do campo nos fala do que ele conseguiu na sua vida simples de trabalhador rural.

a) Isso para ele representa riquezas. Que riquezas são essas ?

b) Diferentemente das suas riquezas, o que significa " das riqueza do Brasi"?

6 - O título da poesia é uma pergunta. O ponto de interrogação (?) nos indica isso.

Copie do texto os versos que respondem a essa pergunta.

7 - O personagem do texto é um homem do campo. Comprove essa afirmativa copiando palavras do texto que fazem parte da língua falada pelas pessoas do campo.

8 - Você reparou também que, na linguagem do homem do campo, o "s " indicador de plural geralmente desaparece.

Observe o exemplo:

*"E os **fio** que Deus me deu."*

Fica assim: *"E os **filhos** que Deus me deu".*

Transcreva do texto um verso em que também tenha ocorrido o mesmo fato linguístico.

Você observou que esse texto está organizado de forma diferente dos demais que você viu até agora? Pois bem, o texto pode ser organizado em duas formas: **em prosa ou em verso**. Os textos em prosa *dividem-se em blocos chamados **parágrafos*** e as linhas ocupam quase toda a extensão da página.

O texto *"Seu dotô me conhece?"* foi escrito em versos e está organizado em estrofes, por isso também é chamado de **poema**.

Observe outro exemplo:

"Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá

As aves que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá."

Temos nesse exemplo uma **estrofe** composta de quatro **versos**.

Verso é cada linha do poema.

Estrofe é um conjunto de versos.

3 - Baseando-se na explicação anterior, responda:

a) Quantas estrofes tem o poema *"Seu dotô me conhece?"*

b) Quantos versos tem esse poema?

Texto: XXIV

[...]

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

[...]

Manuel Bandeira, "Evocação do Recife".

Texto: XXV

“Os delinquentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico 'quem faz a língua é o povo' verdadeiro mote para justificar o desprezo do seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo

esses derrotistas, como verdadeiros mestres da nossa sintaxe e legítimos conhecedores de nosso vocabulário.”

Napoleão Mendes de Almeida, Dicionário de questões vernáculas

1) A partir da leitura dos dois textos, é possível verificar que os autores não expressam a mesma opinião sobre como os falantes da língua portuguesa devem usar o idioma.

a) Manuel Bandeira se mostra contrário ou favorável à linguagem coloquial?

b) E o autor do texto XXIV, como ele se posiciona em relação ao uso dessa linguagem?

2) Em qual desses trechos é possível verificar preconceito em relação a uma das variedades linguísticas do português?

3) Em relação ao texto XXV, o que o autor quis dizer ao afirmar que a escola evita o “apodrecimento da língua”?

4) Em relação ao texto XXIV, o que significa “macaquear a sintaxe lusitana”?

5) O texto XXIV é do período modernista da Literatura Brasileira. Uma das características desse período é a valorização da língua falada pelo povo. Que verso do texto comprova essa característica? Transcreva –o.

Recordando...

Você já deve ter ouvido muito falar em frase, oração e período. Mas você sabe qual é a diferença entre elas? Vamos começar nosso estudo fazendo uma pergunta: o que é frase? Observe os exemplos abaixo:

1 – “A vida não me chegava pelos jornais ou pelos livros.”

2 – Cuidado!

Nos exemplos, há uma mesma mensagem estruturada de várias maneiras, o que não impede que cada uma delas transmita a ideia completa, ou seja, que cada uma delas comunique alguma coisa. Pois bem,

cada um dos exemplos acima é uma frase. Então, nossa resposta à pergunta é:

Frase é todo enunciado suficiente em si mesmo para estabelecer comunicação.

É a expressão de um pensamento, por meio de uma ou várias palavras. A frase sempre tem um sentido completo. Então, os exemplos acima são frases.

A frase tem sempre um sentido intencional, isto é, exprime aquilo que temos intenção de dizer. O sentido intencional que damos a nossas palavras, faz com que as pronunciemos com um determinado tom de voz, isto é, com uma certa **entoação** ou **melodia**. Assim, cada frase possui uma entoação própria. Considerando a entoação das frases, podemos classificá-las em:

DECLARATIVAS – quando declaram alguma coisa. Ex.: Seu doutor me conhece.

EXCLAMATIVAS – indicam surpresa, alegria, tristeza. Ex.: Seu doutor me conhece!

INTERROGATIVAS – indicam uma pergunta. Ex.: Seu doutor me conhece?

Você percebeu a diferença existente entre frases acima? Elas estão compostas das mesmas palavras, mas, por causa da entoação da voz que deve ser usada, a mensagem não é a mesma.

Também, pela simples entoação, podemos diferenciar a fala de um português da de um brasileiro e entre os brasileiros, a de um carioca, nordestino, gaúcho ou mineiro. Entretanto, na escrita, essas marcas melódicas não podem ser distinguidas a não ser através do uso da

linguagem usada pelos falantes e os sinais gráficos usados para indicá-los. Mas, mesmo assim, só ouvindo os falantes é que vamos distingui-los.

Vamos, agora, analisar as frases quanto a sua estrutura.

1º exemplo: “*A vida não me chegava pelos jornais ou pelos livros.*”

Aqui, a frase é formada por um grupo de palavras entre as quais há um verbo. Você sabe: verbo é a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno.

2º exemplo: **Cuidado !**

Aqui, há apenas uma palavra que expressa a ideia contida na primeira frase, mas não é um verbo.

A **oração** é uma frase que obrigatoriamente apresenta um verbo na sua estrutura em volta do qual gravitam outras palavras que lhe completam o sentido.

Já a frase 2, embora expresse ideia completa, não apresenta verbo na sua estrutura. A oração é a frase onde encontramos um sujeito e um predicado que podem ser claramente separados ou identificados. O exemplo abaixo é uma oração:

O povo fala gostoso o português do Brasil.

Temos o sujeito (o povo) e o predicado (fala gostoso o português do Brasil).

Mas, se dissermos: **Que gostoso!** - é apenas uma frase e não uma oração, porque não **tem verbo**. **É considerada uma frase nominal**. Há certas orações que podem não apresentar o sujeito Ex.: Chove lá fora.

Assim, o fator indispensável para que haja uma oração é a presença do verbo na frase. Mas, cuidado! Pois:

toda oração é uma frase, mas nem sempre frase é uma oração.

E o que é um período? Período é uma frase organizada com uma ou mais orações. O período termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca, na escrita com um ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências e, às vezes, com dois pontos.

Ex.: 1. O povo fala gostoso o português do Brasil.

2. Se não sabe a minha história, escute agora.

O sentido das frases apresentadas é completo. Mas observe que existem verbos (fala , sabe, escute). Na frase 1, temos apenas um verbo: fala. Já na frase 2 temos dois verbos: sabe e escute. No primeiro exemplo, temos um período simples: é formado, apenas, por uma oração. No segundo exemplo, temos um período composto: é formado por duas orações.

RESUMINDO:

FRASE – é um enunciado de sentido completo com ou sem verbo.

ORAÇÃO – é um enunciado de sentido completo onde deve aparecer obrigatoriamente um verbo.

PERÍODO – é um enunciado com sentido completo formado por uma ou mais orações.

1. Classifique as frases conforme a entoação:

a) Que linda! _____

b) A língua portuguesa é linda. _____

c) O que você acha da língua portuguesa? _____

d) Seja feliz. _____

2. Sublinhe os verbos nas frases abaixo (quando houver) e classifique-as como:

1. Para frase que não é oração

a. () O menino empurrava a cadeira.

c. () Nós estudamos e trabalhamos.

e. () Silêncio, crianças!

2. Para frase que é oração ou período

b. () Nós trabalhamos aqui.

d. () Trabalhem em silêncio!

f. () As crianças correm, pulam e brincam.

3. Leia, atentamente, as frases de cada um dos grupos seguintes. Depois, releia – as em voz alta, procurando conferir –lhes a entonação adequada.

a) Ele já chegou.

Ele já chegou?

Ele já chegou!

Ele já chegou...

Ele já chegou!?

b) Você ama a língua portuguesa?

Você ama a língua portuguesa!

Você ama a língua portuguesa.

Você ama a língua portuguesa!?

Texto: XXVI Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

Oswald de Andrade

Texto: XXVII Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Texto: XXVIII

Me dá um cigarro
Oswald de Andrade

Declaração de amor

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisto de uma frase. Eu gosto de manejá-la - como gosto de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega. Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

Clarice Lispector in: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro, RJ.: Rocco, 1999.

1- Clarice Lispector disse que a Língua Portuguesa não é fácil. Você concorda com ela? Por quê?

2- Clarice Lispector afirma que: “A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo”. O que se pode entender por isso?

3- Em qual dos três textos a compreensão foi mais difícil? Por quê?

4- Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, falava vários idiomas e amava a Língua Portuguesa. E você, o que acha da Língua Portuguesa? O que é dar provas de amor a uma língua?

5- Explique o último parágrafo do texto.

6 – O texto XXIV relaciona a forma culta e a popular das palavras **milho/mio, pior/pio, telha/teia, telhado/teiado**. *Ao empregar essas duas formas de expressão e terminar dizendo E vão fazendo telhados, o que o texto sugere?*

7- *"Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens (...)."*

(CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 1980)

a) Comparando esta frase do gramático Domingos Paschoal Cegalla ao texto XXVII, podemos afirmar que ambos apresentam sobre a colocação pronominal posições semelhantes?

b) Você sabe o que diz a gramática do aluno, do professor e do mulato sabido sobre a colocação do pronome em: ‘Me dá um cigarro’?

c) Segundo o gramático citado, em que situações se pode empregar o pronome átono no início da frase?

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Entende-se por variação linguística os vários falares entre falantes de uma língua. Toda língua natural tem suas variações. Em se tratando da língua portuguesa, pode-se citar como uma das principais variações a diferença entre os falares do Brasil e de Portugal. No Brasil temos muitos falares. Essa variação é justificada não apenas pelo fato histórico, que, necessariamente, leva a profundas transformações qualquer língua, como também pelas diferenças regionais, sociais, grau de escolaridade, sexo e principalmente pelas categorias profissionais.

Dentro de uma mesma região, as pessoas formam pequenas comunidades que acabam criando, por repetição de hábitos e tendências, suas características, até não entendível por outras comunidades: presidiários, internautas, trabalhadores rurais, os urbanos, os políticos, etc. O que é muito importante compreender é que essas variações não devem ser vistas como ‘erro’ e sim – variações

Texto: XXIX

“Muitas vezes, cidadãos são marginalizados por não saberem empregar a norma culta na hora de falar ou de escrever. Esse comportamento é chamado de preconceito linguístico. A língua é viva e sofre modificações de acordo com o contexto. É um engano pensar que haja certos ou errados absolutos. Há razões históricas para que comunidades inteiras se expressem de uma forma e não de outra. Exigir que todos empreguem a mesma linguagem é um desrespeito às diferenças.” (Sarmiento, Leila Lavar. Oficina de Redação. São Paulo: Moderna, 2003 vol. 3, 7ª série, pág. 131.)

1- O texto de Leila Sarmiento é objetivo e direto quando trata do preconceito linguístico. Você concorda com a autora quando ela diz que “Exigir que todos empreguem a mesma linguagem é um desrespeito às diferenças”? Justifique sua resposta.

2-A partir da leitura sobre variações linguísticas, como você entende a frase:
“A língua é viva e sofre modificações de acordo com o contexto” ?

Já sabemos que para falar e escrever bem, é preciso, além de conhecer o padrão formal da Língua Portuguesa, saber adequar o uso da linguagem ao contexto discursivo. Para exemplificar este fato, convidamos você a ler o texto *Aí, Galera*, de Luís Fernando Veríssimo. No texto, o autor brinca com situações de discurso oral que fogem à expectativa do ouvinte.

Texto: XXX

Aí, Galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

*— **Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.***

*— **Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.***

*— **Como é?***

*— **Aí, galera.***

*— **Quais são as instruções do técnico?***

*— **Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.***

*— **Ahn?***

*— **É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.***

*— **Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?***

*— **Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?***

*— **Pode.***

*— **Uma saudação para a minha progenitora.***

*— **Como é?***

*— **Alô, mamãe!***

*— **Estou vendo que você é um, um...***

*— **Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?***

*— **Estereoquê?***

*— **Um chato?***

*— **Isso.”***

1- Percebemos, de imediato, que o texto descreve uma entrevista que provoca o riso. O humor é aqui veiculado por meio do inesperado, em que cada expressão “erudita” do jogador soa como algo tão fora de contexto que, ao imaginarmos a situação, não deixamos de achar graça.

a) O que se percebe na fala do jogador?

b) Em sua opinião, a fala do jogador causa estranheza? Por quê?

c) Destaque palavras que estejam inadequadas ao contexto. Você sabe o significado delas?

2- Você acha que os jogadores de futebol são vítimas de “estereotipação”? Justifique.

3- O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

- a) “o carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito” - um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
- b) “E aí, ô meu! Como vai essa força?” - um jovem que fala para um amigo.
- c) “Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação” - alguém comenta em uma reunião de trabalho.
- d) “Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa” - alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
- e) “Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros” - um professor universitário em um congresso internacional.

4- A expressão "pegá eles sem calça" apresenta valor comunicativo certo ou errado? Por quê? Por que esta expressão se constitui em forma diferente de falar?

5- Como a expressão **“pegá eles sem calça”** poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal ?

Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social.

O trecho a seguir, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil."

(Folha de São Paulo, 07.11.2008)

6- Lendo atentamente o texto, você descobrirá que nele existe uma inadequação gramatical.

a) Destaque –a.

b) Que explicação pode ser dada para justificar tal inadequação?

c) Reescreva a frase, de acordo com a principal regra de concordância verbal :

O verbo deve concordar em número(singular/plural) e pessoa (1ª,2ª ou 3ª) com o seu núcleo do sujeito.

Uma frase sintaticamente estruturada é aquela que se organiza a partir de dois constituintes básicos: um sujeito (representado por substantivo ou palavra equivalente) e um predicado (no qual há um verbo). a relação de concordância que se estabelece entre o verbo e o sujeito dá -se o nome de **concordância verbal**.

Pelo mecanismo da concordância verbal, verbo e sujeito deverão estar na mesma pessoa e número.

Observe:

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação.
sujeito verbo

Quais são as instruções do técnico?
verbo sujeito

Qual é a instrução do técnico?
verbo sujeito

7- Como verbo e sujeito devem concordar, é possível identificar o sujeito pela terminação (desinência) do verbo, mesmo que ele não venha expresso na oração. Com base nessa informação, aponte o sujeito de “*Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa..*”

8- As orações abaixo apresentam diferenças quanto às estabelecidas pela norma culta. Apontem quais são estas diferenças. A seguir, reescreva as orações de modo a adequá-las ao padrão culto da linguagem.

a) A revelação dos diversos tipos de preconceito chocaram muitas pessoas.

b) Ao final do estudo, ainda restará muitas dúvidas.

Agora observe a frase seguinte:

Há razões históricas para que comunidades inteiras se expressem de uma forma e não de outra.

O período acima é constituído por duas orações. O verbo da segunda oração **expressem** está no plural porque concorda com o núcleo do sujeito **comunidades**; já o verbo da 1ª oração **há** está na terceira pessoa do singular, pois é um verbo que não tem sujeito, chamado **verbo impessoal**, podendo ser substituído por existir (existem razões históricas...) .

Veja outros exemplos:

Há graves problemas sociais no Brasil.

Havia graves problemas sociais no Brasil.

Parece haver graves problemas sociais no Brasil.

Haver e fazer são também verbos impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na **terceira pessoa do singular**.

Há anos não a procuro.

Faz anos que não a procuro.

Havia anos que não nos encontrávamos.

Fazia anos que não nos encontrávamos.

Deve fazer muitos anos que não nos encontramos.

9- Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.

a) Trata – se de uma questão polêmica

b) Houve um problema de preconceito linguístico na entrevista.

c) Faz um ano que ele viajou.

d) Ele acredita que deve ter havido algum transtorno quanto ao emprego da língua culta.

10- Reescreva as frases abaixo, substituindo **existir** por **haver** e vice - versa:

a) **Existe** muito preconceito no Brasil.

b) Se **existissem** homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

Além da concordância verbal, vamos estudar também a **concordância nominal**, que se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo estarão sempre relacionados a substantivos .

A **linguagem** erudita denunciava grande **cultura** daquele homem.

As palavras **a** e **erudita** concordam com o substantivo **linguagem** (feminino, singular); a palavra **grande** concorda com o substantivo **cultura** (feminino, singular) .

Quando essas palavras que atuam como adjetivos determinarem dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles.

Exemplos: Sua atitude e linguagem perfeitas fizeram dele um homem notável.

Sua atitude e linguagem perfeita fizeram dele um homem notável.

Sua perfeita atitude e linguagem fizeram dele um homem notável.

11- Complete as frases seguintes com a forma apropriada da palavra colocada entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível:

a) Ele adora usar óculos _____ (escuro)

b) _____ atitude e comportamento são _____.(seu/deplorável)

c) _____ foi _____ viagem.
(aquele//um/melancólico)

d) É profundo conhecedor de plantas e animais _____ (marinho)

f) Sempre deixa _____ livros e revistas sobre a mesa. (muito)